

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO PUC-SP

Relatório Final de Pesquisa de Iniciação Científica

**Mídia e polícia na (des) construção do movimento *punk*
paulistano**

Bolsista

Flávia Lucchesi de Carvalho Leite

Orientador

Prof. Dr. Edson Passetti

SÃO PAULO
2012

SUMÁRIO

1ª Parte – Relatório de atividade.....	3
2ª Parte – Relatório Científico.....	5
1. Fúria e punk rock.....	9
<i>os garotos furiosos</i>	9
<i>a fúria das garotas punks</i>	10
<i>fúria importada</i>	13
2. Espaço (d)e mulheres.....	15
<i>mulheres no rock</i>	15
<i>riot grrrl- invenção e manutenção de um espaço de mulheres e para mulheres</i>	19
3. <i>Girl power</i> e empoderamento.....	26
4. Sexo.....	30
5. Resignificações – a nova linguagem <i>slut</i>	36
6. E agora?.....	42
<i>atualidade riot grrrl no Brasil</i>	42
<i>o esgotamento nos Estados Unidos</i>	43
<i>Pussy Riot</i>	46
Conclusão.....	49
Anexos.....	50
Referências.....	65

1ª PARTE – RELATÓRIO DE ATIVIDADES

Ao longo desta pesquisa procurei mostrar como foi possível a eclosão do movimento *riot grrrl*, analisando suas precedências e sua trajetória desde o seu surgimento na década de 1990 nos Estados Unidos até sua aparição no Brasil, na metade da mesma década, e sua atualidade.

Nesta reconstrução do *riot grrrl* estive atenta ao discurso que se enunciava, seus desdobramentos e redimensionamentos, bem como as práticas que se instauravam para, a partir daí, perceber como se deu o processo de captura da máquina de guerra (DELEUZE, 2008) *riot grrrl*.

A maior dificuldade encontrada durante essa reconstrução se deu em relação à escassez bibliográfica acerca do *riot grrrl* nacional. Os poucos trabalhos acadêmicos sobre esse tema não me forneceram material suficiente para a análise a que me propus. Para tal procurei entrar em contato com algumas mulheres que fazem e fizeram parte deste movimento. Utilizando a internet contatei Elisa Gargiulo, vocalista da banda *Dominatrix* e percussora do *riot grrrl* no Brasil; Bianca Martins, vocalista da banda *Bulimia*; Flávia Santos e Mayra Vescovi, ex-integrantes da banda *Dominatrix*; Claudia Room, do Projeto Santa Claus e o coletivo *Vulva la Vida* (a importância desses nomes se explicitará no decorrer deste relatório). Destas, obtive resposta apenas de Elisa Gargiulo, Flávia Santos e Claudia Room. Em um primeiro momento, ambas se mostraram interessadas em uma conversa sobre o *riot grrrl* aqui no Brasil, como fora proposto por mim inicialmente, mas quando entrei em contato para marcar as entrevistas nenhuma delas me respondeu. Isso aconteceu no final de junho e até agora não fui procurada por elas.

Não tendo conseguido as entrevistas, intensifiquei a leitura de produções das próprias *riot grrrls* (*fanzines*, vídeos, músicas e sites) e continuei a frequentar o campo.

Ainda assim noto certas lacunas na reconstrução do *riot grrrl* nacional se comparada à reconstrução de seu surgimento nos Estados Unidos. Lacunas estas que demandariam um período de pesquisa superior a um ano para serem supridas.

Durante toda a pesquisa fui à maior parte dos eventos riots que aconteceram em São Paulo. *Show das bandas Dominatrix (comemorando 15 anos de banda) e Repentina*, realizado no dia 09 de janeiro de 2011, na casa de noturna Outs, na rua Augusta. *Mesa de debate Feminismo e Pornografia no Festival Pop Porn*, realizada no dia 01 de junho de 2011 na Galeria Vermelho, formada com Elisa Gargiulo (mediadora), vocalista da banda *Dominatrix* e ativista feminista; Heloisa Passos, fotógrafa e cineasta; Bruna Vieira, atriz pornô e stripper virtual; Penélope Nova, vj da MTV e ex-apresentadora de programas sobre sexualidade voltados ao público jovem e Tica Moreno, militante da Marcha Mundial das Mulheres e organizadora do site Blogueiras Feministas. *Slut Walk – Marcha das Vadias*, realizada no dia 04 de junho de 2011 com concentração na Praça do Ciclista e dispersão na Rua Augusta, enfrente ao Comedians. *Riot Grrrl – Hallohímen* da festa gay Valentina realizada no dia 28 de outubro de 2011 na casa noturna Open Bar, no bairro de Pinheiros, com discotecagem da vocalista do *Dominatrix*, Elisa Gargiulo. *2ª Marcha das Vadias*, realizada no dia 26 de maio de 2012 com concentração na Praça do Ciclista e dispersão na Praça da República. A frequência do campo me ajudou a ter maior percepção acerca dos discursos e práticas enunciados pelas *riots*, além da observação do atual estado do movimento em São Paulo.

Além de não ter conseguido realizar as entrevistas, conforme planejado, acabei não dando continuidade a análise da construção das *riot grrrls* pela mídia nacional e estadunidense como havia assinalado no relatório anterior. Isso por que a análise feita no relatório parcial - de que a imprensa definia o perfil da *riot grrrl* oscilando entre a

imagem da menina excluída que se assume e se encontra entre as iguais e a jovem feminista que vêm, por meio da música e do *riot grrrl*, lutar por direitos, sendo a redução do *riot grrrl* ao um espaço onde “garotas transtornadas” podem estar e ficar confortáveis, sem abalar o conforto externo, num processo de auto-ajuda a mais recorrente - apenas se confirmou com esta última parte da pesquisa não havendo nada mais a acrescentar nesse tópico. No mais o trabalho seguiu conforme planejado.

A feitura desta pesquisa não significou apenas minha “iniciação científica”, mas provocou em mim transformações as quais não poderia imaginar quando decidi que queria fazê-la e as quais escapam a qualquer relatório. Sem dúvida alguma a orientação de Edson Passetti e o envolvimento no projeto temático Fapesp *Ecopolítica: governamentalidade planetária e resistências na sociedade de controle* foram impreteríveis para essas transformações e para os resultados que aqui apresento.

2ª PARTE - RELATÓRIO CIENTÍFICO

O presente relatório busca mostrar como a máquina de guerra *riot grrrl* que, enquanto tal, dispôs de mecanismos fortes contra o Estado, pôde ser por ele capturada; sedimentarizada, guetificada e a ele atrelada, reivindicando direitos e segurança e, portanto, reafirmando o seu funcionamento e dando continuidade à sua existência.

Penso a noção de máquina de guerra, metodologia analítica impreterível para este trabalho, junto com Gilles Deleuze enquanto:

(...) uma certa maneira de ocupar, de preencher o espaço-tempo, ou de inventar novos espaços-tempos: os movimentos revolucionários, mas também os movimentos artísticos são máquinas de guerra (DELEUZE,2010:216).

Contudo, durante o desenvolvimento da pesquisa pude notar que a captura da máquina de guerra *riot* não se deu somente pela afirmação de um discurso sedento por

direitos, próprio às reivindicações de minorias despotencializadas na sociedade de controle¹ como supunha minha hipótese inicial.

No relatório parcial, tendo em vista as outras forças que atuaram nesse processo, direcionei minha análise para três eixos: o *cuidado de si e o cuidado do outro*, o *sexo* e as *ressignificações* presentes no discurso e nas práticas das *riot grrrls*, pensando sua relação com os discursos enunciados por vertentes feministas, apontadas como influentes em sua constituição, e com o movimento *punk*.

Agora dei continuidade às questões levantadas nos eixos *sexo* e *ressignificações*, avançando sobre elas e amarrando-as. Direciono neste momento da pesquisa minha análises a mais dois eixos *girl power e empoderamento* e *o espaço seguro das garotas unidas*. Ademais continuo a reconstrução da história e procedências do *riot grrrl* e a análise do movimento nos dias de hoje.

A seguir apresento os resultados finais de minha pesquisa divididos em seis movimentos.

Primeiro retomo a contextualização histórica que possibilitou a emergência do movimento *riot grrrl* nos Estados Unidos, a partir do *punk* e a sua chegada ao Brasil. Na sequência, apresento a problematização acerca da falta de espaço para as mulheres no *rock*; num primeiro momento a partir de procedências do *riot grrrl* e, num segundo momento, com a construção de um *espaço seguro das garotas unidas*. No terceiro capítulo analiso o desdobramento do *girl power* presente no discurso *riot grrrl* e suas conexões com a atual noção cara aos feminismos institucionalizados de “empoderamento das mulheres”. No quarto capítulo dou prosseguimento à análise

¹ “O poder falar democrático, o existir enquanto direito incita minorias a produzirem discursos identitários, a serem maiorias, e ao serem isto se pronunciam como o ‘eu’ em oposição ao outro. Esta é a maneira pela qual a sociedade de controle organiza seus dispositivos de poder, especificando e localizando cada uma das possíveis resistências e as colocando enquanto demanda participativa, representada por um agente democrático capturado dentro da própria organização, exercendo função de polícia e educador” (NARDELLI, 2010:26).

rascunhada no relatório parcial acerca do sexo no *riot grrrl*. Também dando continuidade à análise anterior, no quinto capítulo avanço sobre a resignificação e uso da palavra *slut*. Por fim, apresento a atualidade do movimento *riot grrrl* no Brasil, o esgotamento da primeira fase do movimento, ainda na década de 1990 nos Estados Unidos e o grupo russo *Pussy Riot*.

A metodologia de pesquisa utilizada consistiu na leitura de obras específicas acerca do *riot grrrl*, *Girls to the Front: the true history of the Riot Grrrl Revolution* e *Angry Women in Rock* escritas pela *riot grrrl* Sara Marcus e pela cientista social Andrea Juno respectivamente, a fim de reconstruir o início do movimento nos Estados Unidos atentando para o contexto que possibilitou sua eclosão e o discurso que ali se enunciava. Pensando a análise desses discursos a partir de Michel Foucault:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996:8).

Na busca por procedências desse discurso *riot grrrl*, a fim de tomar contato com práticas, discursos e enunciados que o antecederam – reproduzidos, redimensionados ou mesmo refutados – utilizo a obra de Andrea Juno *Angry Women*, que antecedeu a publicação de *Angry Women in Rock*. As duas obras são compostas por entrevistas com mulheres, na primeira, da chamada “cultura feminista” e, na segunda, com roqueiras e *riot grrrls*.

A hipótese de que havia certa procedência do discurso *riot* nas mulheres da “cultura feminista” entrevistadas por Juno em *Angry Women* se confirmou durante a leitura de *Angry Women in Rock* quando, em entrevista, Kathleen Hanna, percussora do *riot grrrl*, afirma: “*Angry Women* pode ter tido muito a ver com isso [*riot grrrl*], porque

aquele livro circulou entre todas as mulheres que eu conheço. (...) Aquele livro levou muitas pessoas à bell hooks, quem influenciou muitas das ideias do Riot Grrrl” (Hanna apud JUNO, 1996:96). A análise da procedência do feminismo *riot grrrl* em bell hooks já fora assinalada no relatório parcial.

Não tendo conseguido realizar as entrevistas previstas, utilizei alguns artigos recém publicados sobre o *riot grrrl* paulistano com ampla base etnográfica. Assim pude reconstruir a trajetória do movimento aqui no Brasil e analisar o discurso aqui enunciado, seus redimensionamentos e desdobramentos com relação ao discurso inicial do movimento nos Estados Unidos, bem como em relação a discursos enunciados por setores do chamado movimento *gay* e feministas institucionalizados. Acompanhei também as movimentações atuais das *riot grrrls*, via internet e frequência de campo, sempre que possível.

Complemento minha análise com letras de músicas, em anexos. As músicas anexadas foram selecionadas em função da recorrência com que apareceram no decorrer de toda a pesquisa, seja como trilha sonora dos documentários analisados na primeira fase da pesquisa - *Don't need you – The Herstory of Riot Grrrl* e *Bella Donnas* – as meninas da cena *punk* - ou como referência na bibliografia estudada. As músicas da banda *Dominatrix* também foram selecionadas de acordo com maior empolgação demonstrada pelo público no show de 15 anos da banda.

Com esse material foi possível analisar o discurso *riot grrrl* pela voz das próprias *riot grrrls* sendo ele – inclusive os livros *Angry Women*, *Angry Women in Rock* e *Girls to the Front* – inteiramente produzido por elas.

1. Fúria e *punk rock*

os garotos furiosos

Existem duas histórias diferentes que narram a origem do *punk*. Uma delas associa o início do movimento a banda *The Ramones* e aos encontros e agitações no bar *underground* CBGB, localizado no subúrbio leste da cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos, no ano de 1974. A outra, a versão mais reproduzida, associa o início do movimento *punk* à banda *Sex Pistols*, a primeira a se considerar *punk*, no ano de 1975, em Londres, na Inglaterra.

De fato, a grande explosão do movimento *punk* ocorre na Inglaterra na segunda metade da década de 1970 com o *Sex Pistols*, porém o *Sex Pistols* teve, em sua constituição enquanto banda, muita influência de bandas estadunidenses do circuito do bar CBGB² como *The Ramones* e *New York Dolls*. A banda ficou conhecida - além de seu visual considerado chocante pelas mídias, marcado por trajes sado masoquistas, correntes, alfinetes, roupas rasgadas e símbolos nazistas - pelas confusões em shows, com a imprensa, as gravadoras e o confronto constante com polícia. Foi devido a todo esse escândalo, *Sex Pistols* e os *punks* ingleses, que o movimento ganhou a atenção da mídia brasileira - tanto a grande imprensa quanto a imprensa especializada³ - e foi por meio dela que muitos dos jovens que viriam a ser *punks* tiveram seu primeiro contato com o movimento.

Passada sua explosão - tendo o movimento sofrido as investidas das indústrias

² CBGB & OMFUG (Country, Bluegrass, and Blues and Other Music For Uplifting Gormandizers) foi um dos mais importantes clubes da história do rock. No início da década de 1970 o clube funcionou como grande espaço de encontros e shows *undergrounds* nos Estados Unidos. Pouco tempo depois o clube se tornou um espaço de shows e encontros de *punks* e se tornou uma referência para este público tendo recebido shows das maiores bandas *punks* de todo o planeta.

³ Revista Homem *A vez do punk, um rock mais grosso. Mas muito gozado* (03/1977). Revista Rock, a história e a glória *Punk rock, o rock dos moleques* (07/1977). Revista Isto É *Há futuro para os punks?* (11/1977). A Revista POP, da Editora Abril, além de publicar matérias consecutivas sobre o *punks* no ano de 1977, lançou o LP *A Revista POP apresenta o Punk Rock* com 12 faixas de bandas *punks* diferentes (TEIXEIRA,2007).

fonográfica e da moda, as quais produziram a partir dele uma versão adocicada e vendável do *punk*, além dos confrontos com a polícia que acabaram apaziguando e delimitando o espaço das movimentações desses jovens - a máquina de guerra *punk* metamorfoseou-se em algumas vertentes⁴; assim como ela própria é uma metamorfose da máquina de guerra *underground*, uma vez que, tem sua procedência na música e na moda *underground* nova-iorquina. A metamorfose, segundo Gilles Deleuze, é uma característica própria à máquina de guerra: “a forma de exterioridade da máquina de guerra faz com que esta só exista nas suas próprias metamorfoses” (DELEUZE, 2008:24).

a fúria das garotas punks

Por volta de 1989, Kathleen Hanna, uma jovem *punk* e feminista da cidade de Olympia, nos Estados Unidos, impulsionada por seus encontros com um grupo de apoio a garotas que haviam enfrentado situações de violência sexual e doméstica, montou a banda *Viva Knievel*. A banda era formada por Kathleen, mais uma menina e dois rapazes. A *Viva Knievel* durou pouco tempo, mas a experiência vivenciada durante sua turnê de shows desdobrou-se no acontecimento mais interessante a essa pesquisa: a

⁴ O movimento *punk* ao ramificar-se em vertentes, contempla um leque o qual se abre em meio a extremos opostos tendo, de um lado, o movimento *anarco-punk* e, de outro, o *skinhead*. Entre eles encontra-se uma gama de vertentes: o *white power*, vertente do *skinhead* caracterizada pelo posicionamento nazi-fascista; o *sharp* (*skinheads against racial prejudice*), vertente do *skinhead* caracterizada por expressar um posicionamento contrário ao nazi-fascismo; o *hardcore*, vertente caracterizada pela música mais acelerada que o *punk rock* e de conteúdo estritamente político; o *crust punk*, vertente caracterizada pelo som mais sujo e rústico e pelo visual desleixado; o *straight edge*, vertente a qual os adeptos são contrários ao consumo de drogas e álcool e, em sua maioria, são vegetarianos ou *vegans* (vertente do vegetarianismo cuja dieta exclui qualquer alimento de origem animal); o *deathcore*, vertente caracterizada pela mistura do *hardcore* e do *deathmetal* (derivação do *heavy metal* cuja música é mais pesada e as letras tratam de temas como o satanismo e o ocultismo); o *emocore*, caracterizado por um *hardcore* com melodias menos agressivas e aceleradas, invariavelmente, com letras de temática pessoal; o *grindcore*, estilo mais agressivo do *hardcore*, caracterizado por vocais ininteligíveis e pelo som desarmônico; o *splattecore*, vertente caracterizada por um *hardcore* macabro de temáticas relacionadas à filmes de terror e à morte; o *queercore/homocore*, vertente que se propunha a problematizar a homofobia dentro do *punk* e no âmbito geral da sociedade; e por fim, o *riot grrrl*, que será abordado mais adiante neste trabalho.

invenção do *riot grrrl*. Terminadas as apresentações dos shows da banda era muito comum que garotas procurassem Kathleen para conversar sobre casos de estupro e outras agressões.

Kathleen considerava importante que um espaço como esse, onde garotas jovens pudessem falar, fosse ampliado. A presença majoritária de homens, tanto nos palcos quanto na platéia, começava a ser percebida como um entrave à ampliação desse espaço.

Então o mundo *punk* era tão absorto quanto o mundo como um todo. Como podia gênero ser irrelevante quando tantas garotas vinham chorando até Kathleen; quando uma banda cover de AC/DC tinha a ousadia de acusar a Viva Knievel de ser um ato inovador somente pelo fato de haverem duas mulheres no grupo; quando Kathleen e sua companheira de banda Louise eram as únicas mulheres a pisarem no palco durante toda uma noite (MARCUS, 2010:42).

Foi então que Kathleen procurou Tobi Vail, escritora do *fanzine*⁵ *Jigsaw* que abordava assuntos referentes à cena⁶ *punk* e ao feminismo. Após a troca de algumas cartas, Kathleen convidou Tobi Vail para montar uma banda com ela. As duas se juntaram a baixista Kathi Wilcox e ao guitarrista Billy Boredom e criaram o *Bikini Kill*⁷, no ano de 1990. Além do *Bikini Kill*, as garotas passaram a publicar um *fanzine*

⁵ “Literalmente, significa uma ‘revista de fã’. Pequenas publicações, feitas de modo artesanal e criadas por fãs de alguma banda, estilo musical ou até mesmo outras artes, como quadrinhos, cinema etc. Do seu surgimento, nos anos 70, até os tempos atuais, desenvolveram-se a ponto de termos *fanzines* com a mesma qualidade editorial e gráfica de revistas encontradas em bancas de jornal” (O’HARA, 2005:187). A importância dos *fanzines* para o movimento *punk* é assinalada por Moraes: “Tratava-se, na verdade, de problematizar esse cotidiano do qual falavam, de questionar esse ou aquele tipo de crítica, de se perguntar pelo melhor meio de resistir na atualidade, de repensar algumas atitudes e condutas, refletir sobre o que era afinal ser *punk* e o que se estava fazendo de si mesmo” (MORAES, 2008:3).

⁶ “Uma das palavras mais pronunciadas pelos *punks* (e por suas vertentes, sendo muito utilizada pelas *riot grrrls*), designa o ambiente em que estes circulam. Assim, a ‘cena’ é composta pelas casas onde acontecem os shows, pelas lojas que vendem discos *punks*, pelas distros [distribuidoras] que distribuem material *punk* e, obviamente, pelos próprios *punks*, como na expressão ‘fulano(a) faz parte da cena’ (O’HARA, 2005:185).

⁷ O nome da banda é uma referência ao “1967 B-movie they had become obsessed with, *The Million Eyes of Sumuru*, by singing, ‘Two *Bikini girl Kill one Bikini girl*, glug glug glug she’s dead...’ In *The Million Eyes*, an evil woman controls an army of brainwashed sexpots (in *Bikinis*, of course), with whose help she

juntas - *Revolution Girl Style Now*.

A jovem *punk* Allison Wolfe, que também frequentava a cena de Olympia, animada com a agitação que Kathleen e Tobi vinham fazendo, se juntou a sua amiga de faculdade Molly Neuman e montou a banda *Bratmobile*.

As bandas *Bikini Kill* e *Bratmobile*, talvez pelo pioneirismo, são consideradas as bandas mais importantes dessa fase inicial do *riot grrrl*. Somadas a elas podemos incluir a banda *Heavens to Betsy* que foi montada por Corin Tucker pouco tempo depois do *Bratmobile*.

Molly Neuman e Allison Wolfe também faziam um *fanzine* juntas; o *Riot Grrrl*. Na época Molly trabalhava como secretária de um senador e conseguiu tirar várias cópias do *fanzine* no escritório, assim a distribuição do *fanzine* se deu em larga escala. Em entrevista ao documentário *Don't Need You – The Herstory of Riot Grrrl*, Kathleen Hanna arrisca apontar o início do movimento a essa publicação.

Neste momento, Kathleen diz que não havia a expressão *riot grrrl* para denominar aquilo que estava acontecendo e que ela, assim como as outras garotas que iam chegando, só havia entrado nessa movimentação por sentir necessidade de uma “união entre as meninas”⁸ (ANEXO A).

O uso da palavra *riot* (revolta)⁹ já era comum nessas publicações e no discurso que vinha se enunciando; a expressão *grrrl*, como referência a *girl* (garota) e um som onomatopéico para expressar algo próximo de um rosnado, produzido pelo excesso de

plans to achieve world domination; when *girl* deviates from the plot, two others are sent to *Kill her*” (MARCUS, 2010:46-47).

⁸ Trecho extraído de depoimento de Kathleen Hanna ao documentário *Don't Need You – The Herstory of Riot Grrrl*.

⁹ (Michaelis) *ri.ot n* **1** distúrbio, tumulto, agitação. **2** desordem violenta, grande confusão, levante, motim, revolta. **3** intemperança, excesso, devassidão, folia, barulho, vozerio. **4** ocasião ou pessoa muito divertida. **5** profusão, exuberância (de cores). **6** grande sucesso. • *vt+vi* **1** provocar distúrbios, desordens, fazer barulho ou algazarra. **2** levantar(-se), amotinar(-se), revoltar(-se). **3** passar o tempo à toa e desperdiçar dinheiro. **to run riot** a) cometer excessos, tornar-se violento. b) *fig* crescer exuberantemente (planta).

erres (r), também já era comum. Segundo Allison¹⁰, quem juntou as duas palavras e nomeou “o que vocês estão fazendo é uma *grrrl riot*” foi Jean Smith da banda de *indie rock* canadense *Mecca Normal*.

As agitações estavam crescendo e as garotas queriam fazê-las expandir ainda mais. No final dos *fanzines* e no intervalo de shows elas convocavam: “Garotas: vamos ter uma reunião sobre *punk rock* e feminismo! Vamos compartilhar nossas experiências e agitar um show de *rock* juntas!” (Hanna apud JUNO,1996:98).

A partir daí, as meninas foram organizando reuniões semanais para tratar de questões importantes para elas, em geral as questões importantes eram as que escancaravam práticas machistas, dentro e fora do *punk*, a serem combatidas. As garotas se articulavam nessas reuniões; organizavam shows, festivais, eventos, *fanzines* e, eventualmente, algum protesto.

Mais adiante analisaremos essas reuniões, prática imprescindível para as movimentações dessa primeira fase do *riot grrrl*.

fúria importada

Assim como o *punk*, a chegada do *riot grrrl* no Brasil também se deu por meio da imprensa. O *riot grrrl* chegou ao país no final de 1995, início de 1996, por meio de revistas de música como a *Melody Maker*.

Foi no mesmo período que Elisa Gargiulo e sua irmã, Isabella Gargiulo, deram início a primeira banda *riot* nacional, o *Dominatrix*. Em depoimento ao documentário *Bella Donnas – as meninas da cena punk*, Elisa afirma que nesta época ainda não havia uma cena de meninas *punks* e feministas no país. Elas começaram a se apresentar com o *Dominatrix* em 1996, tocando em shows de bandas de *hardcore*, em sua maioria

¹⁰ Em depoimento ao documentário *Don't Need You – The Herstory of Riot Grrrl*.

compostas por meninos {v. escreve mulheres, depois meninas-meninos: isso é modo de relacionar do movimento? Como se deu a passagem de mulher para menina ou nunca houve a distinção?}. Elisa comenta que era comum ouvir reclamações quando elas liam ou diziam longos protestos entre uma música e outra. No começo, ela diz que o termo *riot grrrl* era usado de forma pejorativa dentro do *punk*, mas com o tempo o *Dominatrix* foi conseguindo reconhecimento nesse meio. Em *Bella Donnas – a meninas da cena punk*, algumas entrevistadas como Vinhão, das bandas *Wee* e *Hidra*, Claudia Room, do *Santa Claus*, e Pryka, da banda *Lâmina*, comentam a influência do *Dominatrix* para que entrassem para a cena.

Contudo, antes mesmo destas bandas citadas acima começarem (todas da primeira década dos anos 2000), outras bandas *punks* de garotas com posicionamento feminista foram vinculadas ao *riot grrrl* – *Lava* (1999), *Bulimia* (1998), *TPM* (1997), *Biggs* (1996), *Toxoplasmose* (1995) e, até mesmo a anterior ao *Dominatrix*, *Cosmogonia* (1993).

A maior parte destas bandas, apesar do posicionamento feminista (ANEXO B), não se colocavam enquanto bandas *riots*, contudo, dada a falta de espaço dentro da cena *hardcore* e *punk* para bandas femininas e frente ao investimento das meninas do *Dominatrix*, apoiadas pelos *straight edges*, na criação de um espaço para as bandas de meninas, estas bandas acabaram por frequentar a cena *riot grrrl*. Destaco nesse trabalho a banda de *punk rock* feminista *Bulimia* por, apesar da curta existência, ser uma referência do *riot grrrl* até hoje; a banda *Biggs* que continua a existir e a qual duas integrantes tocaram por um longo período no *Dominatrix*; a banda *Cosmogonia* devido a algumas de suas músicas aparecem com frequência durante a pesquisa e a banda *Lava* que frequentou a cena *riot* até o seu final em 2006.

O período de maior efervescência do *riot grrrl* no Brasil concerne aos anos de

2004 até 2007. Este é o período em que a maior parte das bandas foram criadas e em que aconteceram a maioria dos festivais e eventos *riots*, com destaque para as quatro edições do *Lady Fest Brasil*.

O *Lady Fest* é um “festival cultural feminista”¹¹ *riot grrrl*. Sua primeira edição aconteceu no ano 2000 no berço do *riot grrrl*, Olympia, Estados Unidos. Desde então, *riot grrrls* de vários lugares diferentes do planeta passaram a organizar eventos do tipo em suas cidades.

No ano 2002, a banda paulistana *Dominatrix* foi convidada a participar do *Lady Fest* Holanda. Passados dois anos, as meninas do *Dominatrix* conseguiram organizar a primeira edição do festival no Brasil. O formato do evento contempla uma série de shows, oficinas, apresentações culturais (exposição de arte, fotografia, filmes, intervenções teatrais e de dança) e debates em torno de um tema central. Em 2004, o tema do festival foi “Conhecimento para a resistência feminista”. Em 2005, aconteceu o segundo *Lady Fest Brasil*, sob o tema “Não a violência contra a mulher, não ao silêncio, e sim nós somos feministas”. Nos anos seguintes, a temática abordada foi “É menino ou menina? – Gênero: o machismo torturando nossa identidade” e “Tire sua própria virgindade”. Em 2008, o evento não foi realizado, voltando no ano seguinte em uma versão reduzida chamada de *Mini-Lady Fest*; nesta edição o festival durou apenas um dia e o tema debatido foi “Perspectivas do feminismo jovem alternativo”. Em 2010, aconteceu a última edição do *Lady Fest Brasil* comemorando “10 anos de feminismo jovem radical”. Adiante retomarei esses eventos.

2. Espaço (d)e mulheres

mulheres no rock

¹¹ Ver: <http://ladyfestbrasil2010.blogspot.com.br/>.

E antes das *riot grrrls*? Poucos são os nomes de mulheres¹² que tiveram destaque no meio do *rock*. Durante a pesquisa foram encontrados quatro nomes citados como referências ou procedências do *riot grrrl*; Patti Smith, Diamanda Galás, Joan Jett e banda *Tribe 8*.

Patti Smith foi um dos grandes nomes do *underground* novaiorquino, da cena desenvolvida no bar *CBGB* que influenciou a composição do *punk* inglês e é uma referência enquanto mulher musicista no *rock*.

Mesmo não sendo citada como referência para o *riot grrrl*, Patti foi uma influência impreterível ao *punk*, fez parte da máquina de guerra *underground* metamorfoseada no *punk* que, por sua vez, metamorfoseou-se no *riot grrrl*. Além de ser uma mulher conhecida em um meio, até hoje, majoritariamente masculino e machista, como a pesquisa apontou.

Cabe diferenciá-la das *riot grrrls*. Patti Smith saiu da casa dos pais em Nova Jersey, Estados Unidos, com vinte anos de idade rumo a Nova York onde tentaria a vida como artista. Sem dinheiro, ela ficou nas ruas da cidade e foi onde encontrou o fotógrafo Robert Mapplethorpe que viria a ser o amor de sua vida. Foi em Nova York, no meio de artistas da contracultura, circulando pelos corredores do Hotel Chelsea, que Patti Smith acabou se arriscando na música. Diferente das *riot grrrls*, provenientes da classe média estadunidense – e aqui da classe média brasileira – que foram para a cena *punk* e da cena *punk* sentiram necessidade de criar uma cena só delas, a cena *riot grrrl*.

A musicista Diamanda Galás, apesar de também não ser tida como referência direta das *riot grrrls*, já durante a década de 1980 reclamava o *rock* como um espaço machista. Galás creditava as críticas e dificuldades enfrentadas nesse meio devido, não somente ao fato de ser uma mulher em frente a uma banda, mas por ter engajado a sua

¹² Quando se trata de *riot grrrl* é comum falar em bandas de meninas ou garotas e não de mulheres, provavelmente por se tratar de um movimento de mulheres jovens e como própria referência ao *grrrl*. Aqui, tratando de bandas que não são *riots*, acabo falando em banda de mulheres.

na temática da AIDS e na luta contra a discriminação e a disseminação da doença.

“A maior parte do *rock'n'roll* business é um negócio totalmente inútil; essa música deveria ser incendiária, era para ser a música da revolução – não essa porra de ‘o quão grande está o meu pênis hoje?’ E ‘eu sou cara bom de qualquer forma’” (Galás apud JUNO, 1991: 13). Retoma a crítica mais adiante “Cantar *rock* é algo que os homens fazem para transar ou ter seu pau chupado depois de uma turnê (SIC) Todos os cantores de *rock* estão apenas cantando para seus pintos! Bem, eu não estou cantando para o meu pinto!” (Galás apud JUNO 1991: 17).

A crítica da cantora ao *rock* se aproxima ao discurso das *riot grrrls* que vêem o *rock* como um espaço no qual se pode passar a mensagem da revolução, no caso, a revolução das garotas e que também é bombardeado por elas por ser um meio de condutas machistas. A conduta do *rock star* também é alvo de repulsa das *riot grrrls*.

Integrante mais famosa da banda *The Runaways*, primeira banda de *rock* só de garotas a atingir fazer sucesso no *mainstream*, durante o final da década de 1970 e início da década 1980, Joan Jett é considerada como uma das mais importantes antecessoras e grande influência do *riot grrrl*.

Jett começou a tocar guitarra aos treze anos. Na época diz ter procurado um professor que pudesse ensiná-la a tocar, mas não encontrou um professor que a “levasse a sério como mulher roqueira e musicista”.¹³ Aprendeu a tocar sozinha e foi atrás do empresário Kim Fowley que agenciou a banda *The Runaways*.

O meio e o público da banda eram majoritariamente masculinos, segundo Jett “esperando para vê-las tirar a roupa ou algo do tipo – isso era o que eles esperavam de nós. Poucas mulheres vinham aos shows” (Jett apud JUNO,1996:69). Enquanto as pessoas distantes do *rock* as encaravam como se tivessem “sete cabeças” (idem: 77).

¹³ Cf. filme *The Runaways (Neon Angel: A memory of The Runaways)* de Floria Sigismondi, 2010.

Conforme assinala Andrea Juno, quando mulheres e *gays* passam a não se restringirem mais à posição de espectadores e *groupies* tomando os palcos, há uma forte reação conservadora no *rock*. Para ela a máxima ‘sexo, drogas e *rock’n’roll*’ funciona apenas para os homens roqueiros.

Desde o termino do curto período de existência da banda, ainda na década de 1980, a musicista segue com a banda *Joan Jett and the Blackhearts*, na qual é a única mulher.

Mesmo figurando no topo das paradas estadunidenses pela regravação da música *I Love rock’n’roll*, Joan Jett e sua banda foram rejeitados por vinte e três gravadoras estadunidenses, entre *majors* e *indies*. Para lançar o álbum *Bad Reputation*, Jett criou sua própria gravadora e fez a venda e distribuição dos discos.

Próxima ao movimento *riot grrrl*, na década de 1990, Joan Jett compôs e gravou com Kathleen Hanna, a banda grunge só de garotas *L7* e a *riot Babes in Toyland*.

Se você lê algum *zine* que aquelas pessoas publicam, você vê que elas estão escrevendo sobre incesto, estupro e todas as outras coisas das quais não falam com mulheres e garotas adolescentes. (...) Eu gostaria que tivesse algo assim [como o *riot grrrl*] quando nós estávamos no *The Runaways*, certamente eu me envolveria com o que essas garotas adolescentes e universitárias estão pensando. É um ativismo escancarado! (Jett apud JUNO, 1996: 69).

Diferente de Galás e Jett, as integrantes da banda estadunidense *Tribe 8* - banda formada só por mulheres *gays*, anterior ao movimento *riot grrrl* e conhecida por seus shows performáticos nos quais a vocalista da banda, Lynn Breedlove, se apresenta sem camisa, com acessórios sado masoquistas e um pênis de borracha – dizem que mesmo antes da consolidação da cena *riot* não tiveram muitos problemas para tocar. O máximo que ouviam, quando iam abrir algum show, eram comentários do tipo “é só porquê vocês são garotas. É a única razão – vocês são a novidade” (BREEDLOVE apud Juno;

1996: 42).

A grande diferença com relação à cena quando elas iniciaram a carreira com o *Tribe 8* e a cena após o *riot grrrl* é que antes as pessoas ficavam boquiabertas ao verem uma banda só de meninas, mas há uns cinco anos da data da entrevista (1996, portanto pouco após a eclosão *riot*) isso não acontecia mais.

Antes de atravessarem a “comunidade *gay*” do meio *punk*, o *Tribe 8* estava em meio ao *punk* e costumava se apresentar para homens *punks* sem enfrentar grandes problemas ou incômodos como os que propiciaram a emergência do *riot grrrl*. Elas afirmam que condutas fascistas elas enfrentavam fora do *punk*: “Os conservadores não saem para clubs *punks* não importa em qual pequena cidade você esteja” (Bellum apud JUNO, 1996: 54).

A grande questão para a banda não é o fato de serem mulheres – *gays* ou não – em um meio machista, como se coloca para as bandas *riot grrrls*, mas o fato de serem *gays* em uma “cultura homofóbica”. Porém, mesmo após o surgimento do *riot grrrl* e de atravessarem a “comunidade *gay*”, a maioria de seus fãs continua a ser de rapazes *punks* e elas não vêem nenhum desconforto nisso.

Contudo, as garotas também defendem a necessidade da criação de um espaço só para mulheres e só de mulheres.

Eu preciso daqueles enclaves para segurança e cuidado; onde eu possa sentir a minha identidade lá. O resto do mundo é cheio de homens. (...) mas eu não quero me mudar para uma terra de mulheres agora; eu quero estar no mundo. (...) Eu não quero me guetificar (Breedlove apud Juno; 1996: 42).

*riot grrrl - invenção e manutenção de um espaço de mulheres e para
mulheres*

O *riot grrrl* introduziu um feminismo revigorado, como estilo de vida, abrindo um novo espaço na cena *hardcore*. A invenção desse novo espaço teve como mote a necessidade de um espaço de e para garotas, o que acabou implicando na criação de um espaço comunitário e “seguro”.

Nos Estados Unidos, quando da eclosão do *riot grrrl*, o grande problema a ser combatido pela “comunidade das garotas unidas e empoderadas” era a violência sexual. Antes das práticas e condutas machistas no meio *punk*, a questão do estupro é que afeta as garotas que iniciam as movimentações *riots* (ANEXO C).

Portanto, tratamos aqui de uma questão delicada e assombrada pela noção de segurança. Interessa questionar como essas garotas responderam e respondem a essa questão, como se posicionam frente a esse problema.

Quando aqui aparece a expressão “empoderadas” trata-se de uma tradução da palavra inglesa *empower* que, no discurso *riot grrrl* aparece como empoderamento de si (*empower yourself*) que elas expressam como *girl power*.

Atualmente a uso da palavra empoderamento tem sido muito recorrente a um discurso feminista institucionalizado. O “empoderamento das mulheres” aparece pela primeira vez, sinalizado desta maneira, no Fórum Econômico Mundial de 2005 no documento “Empoderamento das mulheres – Avaliação das Disparidades Globais de Gênero”. Apesar de não haver uma definição muito pontual deste conceito, a partir do documento acima citado, ele pode ser entendido como: “participação econômica; oportunidade econômica; empoderamento político; conquistas educacionais; saúde e bem-estar” (LISBOA, 2008:1).

Neste âmbito o empoderamento emerge sempre vinculado a alguma instituição que o possibilite. Se atentarmos para documentos acerca do empoderamento das mulheres, veremos que a palavra empoderamento é trazida como algo a ser garantido

por uma instituição, por exemplo no documento do PNUD, Empowering Women for Stronger Political Parties (Empoderando as Mulheres para Partidos Políticos mais fortes) ou como algo a ser possibilitado por uma instituição, por exemplo no documento da ONU Mulheres, Enabling rural women's economic empowerment: institutions, opportunities & participation (Possibilitando o *empoderamento* econômico das mulheres rurais: instituições, oportunidades e participação).

No *riot grrrl* o empoderamento circunscrito na expressão *girl power* não é atrelado a uma possibilidade ou algo a ser garantido por outrem, ele se encontra no particular de cada garota que, por meios próprios, se empodera. Foi como resposta ao problema do estupro que as *riot grrrls* afirmaram o *girl power* como a defesa de si.

E eu quero encorajar as pessoas a quebrarem o silêncio (...) Eu realmente me interessar por um movimento *punk rock* – um movimento de garotas furiosas – de sobreviventes de abuso sexual... Eu acredito piamente que a maioria das pessoas nesse país têm histórias para contar que eles não contam por alguma razão. Quero dizer, com toda essa energia e fúria, será que não poderíamos unificá-las de alguma forma... (Hanna apud MARCUS, 2010: 91)

Esse é o grande impulso para as movimentações do que essas garotas acreditavam se tratar, não de uma revolta como o próprio nome do movimento sugere, mas de uma genuína revolução.

Nós estamos vindo juntas, com toda a força, porque nós sabemos que o mundo nos trata como pequenas garotas, idiotas, vadias, estúpidas, putas, feias, vacas – velhas, donzelas, criaturas, propriedades. e nós sabemos o que nós realmente somos. (às vezes). por que nós precisamos de um espaço para nos sentirmos livres + seguras para falar, fazer, e planejar a revolução que está tomando seu lugar a cada dia [SIC]¹⁴.

¹⁴ Trecho do *fanzine* *What is Riot Grrrl, Anyway?* (MARCUS, 2010: 126).

No intuito de ampliar esses espaços *riots* e, portanto, a união e a segurança das garotas, houve grande incentivo a criação de grupos de discussão, bandas, *fanzines*, eventos e ao intercâmbio de informação e frequência entre estes grupos.

Antes de adentrar nessa questão, é importante atentar para o fato de que quando essas garotas, lá no início do movimento, falam em segurança elas estão falando em se sentir seguras enquanto *to feel safe*; em *safety*. Em português *safety* significa: “a condição de estar protegido ou distante de perigos, riscos ou injúrias; denota algo designado a prevenir injúria ou prejuízo”¹⁵. O que é diferente de *security*, *to feel secure*, que em português significa: “o estado de estar livre de perigo ou ameaça; a segurança do Estado ou organização contra crimes como terrorismo, roubo ou espionagem; normas seguidas ou medidas tomadas para assegurar a segurança de uma Estado ou organização”¹⁶. Apesar de diferentes, em português essas duas palavras acabam traduzidas como segurança não havendo variação desta.

Utilizarei aqui as palavras *safe* como referência a *safety* e *secure* como referência a *security* para mostrar onde a segurança presente no discurso *riot* se relaciona ao *girl power* e onde ela caminha para uma reivindicação de segurança ao Estado.

O encontro em reuniões se tornou uma prática das *riot grrrls* desde o início do movimento. Kathleen Hanna conta que na primeira reunião, com cerca de vinte garotas, todas tinham tantas coisas para dizer que seria impossível não continuarem a se reunir.

A chamada para a participação dessas reuniões se dava nos shows, tanto nos de bandas *riots* como de bandas *punks* e de *hardcore*, em comunicados impressos em *fanzines* e via troca de correspondência com garotas interessadas de outras regiões dos

¹⁵ <http://oxforddictionaries.com/definition/english/safety?q=safety>.

¹⁶ <http://oxforddictionaries.com/definition/english/security?q=security>.

Estados Unidos.

As garotas de Olympia recebiam muitas cartas de garotas de outros lugares do país, interessadas em frequentar a cena *riot grrrl*. Elas as incentivavam a criar uma cena *riot* em suas cidades. Elas propunham que as garotas interessadas escrevessem em seus corpos palavras que as pudessem identificar como *riot grrrls* – além da própria expressão *riot grrrl*, escreviam palavras como *slut*, *whore*, *incest victim* – assim as garotas que se interessavam pelo movimento ou que já estavam envolvidas nele poderiam se reconhecer.

Sara Marcus, escritora do livro *Girls to the Front – the true story of the Riot Grrrl Revolution*, narra na introdução de seu livro como entrou para a cena das meninas a partir dessa técnica. Após entrar em contato com as garotas de Olympia, em 1993, ela passou a sair na rua com a expressão *riot grrrl* escrita nos dedos das mãos. Mas foi somente em 1994, após encontrar uma ex-colega de sala com um colar escrito *riot grrrl* que Sara foi levada a sua primeira reunião com as *riots*.

Nessa necessidade de identificação por símbolos comuns podemos perceber uma tendência à criação de um comum como elemento identitário de união. As reuniões eram restritas as garotas *riots* e só as garotas que partilhassem as mesmas uniformidades eram aceitas. É possível que tenha sido a partir daí que tenha se dado a formação de gangues *riots* como a *Girl Gangs Must Rule All Towns*.

E se nós decidirmos que nós TEMOS que ter um lugar onde possamos nos sentir seguras [feel safe] e onde possamos falar? E se nós decidimos que ‘cenas’ não podem mais ser controladas por questões frias e hierárquicas e que, ao invés disso, elas estão aqui para nos ajudar a sentir-nos bem o suficiente com nossas identidades, enquanto resistentes, para que possamos desafiar os padrões racistas/ sexistas/ classicistas/ homofóbicos/ especistas¹⁷/ pautados pela idade? ... Nós

¹⁷ Expressão usual de *vegans* e defensores dos direitos dos animais. Significa preconceito com relação a outras espécies que não a humana.

precisamos começar a falar sobre estratégias, AGORA¹⁸.

O discurso identitário dessas gangues acaba homogeneizando as diferenças e levando à consolidação de um bloco no qual essas diferenças são sufocadas pelos traços que igualam essas mulheres, enquanto uma determinada categoria, muitas vezes, representada e direcionada por alguém ou “alguéns”.

O próprio vínculo dessa união com a construção de uma comunidade já assinala para a construção de uma coletividade homogênea onde o cuidado do outro é inevitável e se manifesta na conduta de polícia de uns sobre os outros.

A comunidade é o governo de todos sobre todos. Nela prepondera a obediência e se expressa, racionalmente, a vontade conservadora de uniformidade e nivelamento. Opera segundo uma gestão de poder individualizante e totalizadora, fazendo com que cada indivíduo participe ativamente do governo da comunidade na mesma proporção em que se torna polícia de si próprio e do alheio. A vida em comunidade é o princípio mais elementar de servidão, organizador histórico da política de grupos identitários. Seu amálgama é regido por valores morais de origem que determinam suas formas exemplares de conduta.¹⁹

Neste caso, o cuidado do outro, se expressa também na institucionalização da segurança aumentando a reivindicação por direitos, punição, “políticas públicas” e polícia; portanto a segurança que se encontrava no *feel safe* passa para uma segurança garantida institucionalmente como *security*.

Enquanto, de outro lado do discurso *riot*, a segurança aparece fora do âmbito institucional. Neste outro discurso podemos citar a realização de oficinas de auto-defesa em festivais *riot grrrls* como a oficina Wen-Do realizada em várias edições do *Lady*

¹⁸ Flyer do grupo *Girl Gangs Must Rule All Towns* (MARCUS, 2010: 126).

¹⁹ <http://www.nu-sol.org/verbetes/index.php?id=30>.

Fest Brasil, a divulgação de *fanzines* apresentando técnicas de defesa proveniente das artes marciais como o *fanzine* paulistano *Manifesto rubro – informativo do projeto WenDo-se*, além da composição de músicas como a escrita por Joan Jett e Kathleen Hanna *Go Home* (ANEXO D).

Kathleen Hanna e Joan Jett escreveram a canção após a vocalista da banda *punk The Gits*, Mia Zapata, ter sido estuprada e assassinada nos Estados Unidos no ano de 1993. O vídeo clipe²⁰ gravado por *Joan Jett e the Blackhearts* e dirigido pelas duas mostra uma situação, semelhante à supostamente passada por Mia, em que uma mulher é perseguida e atacada por um homem dentro de um trem, mas consegue, utilizando técnicas de luta ensinadas em aulas de auto-defesa, se desvencilhar do homem que a atacou e fugir.

O cuidado com a sua própria segurança aparece aqui como uma questão pertinente ao cuidado de si (FOUCAULT, 1997). Como cuidado de si compreende-se a noção retomada por Michel Foucault da Antiguidade Clássica a cerca do princípio de “cuidar-se de si mesmo” e “ocupar-se de si”; da hermenêutica de si – ou *Epimelëia Heautou*.

O cuidado de si aparece como “uma forma de vida” (FOUCAULT, 1997: 123) e para o desenvolvimento dessa cultura de si, Foucault sinaliza um conjunto de práticas – *Askesis* – que pretendem vincular uma verdade, a partir de um discurso, ao sujeito “Trata-se, ao contrário, de armar o sujeito de uma verdade que não conhecia e que não residia nele, trata-se de fazer dessa verdade aprendia, memorizada, progressivamente aplicada, um quase-sujeito que reina soberano em nós mesmos” (FOUCAULT, 1997: 130).

Essa mesma Antiguidade atenta com cuidado de si e com as estéticas de

²⁰ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=HCeUiR3TT9o>.

existência, preocupava-se com a “constituição de si e das relações com o outro orientadas pela temperança, pela autonomia e pela expansão das práticas de liberdade” (RAGO;VEIGA-NETO, 2009: 9).

Aqui acrescento ainda o texto recém publicado por Elisa Gargiulo, “Não existe espaço seguro!”. Este texto foi lido após o show da banda *Dominatrix* no festival *Queers & Queens*, no começo deste ano, e se encontra disponível no site Blogueiras Feministas²¹.

Por se tratar de um texto recente e por apresentar uma mudança em relação ao discurso que vinha sendo enunciado, majoritariamente, pelas *riot grrrls* da cena nacional opto por analisá-lo separado a fim de evitar precipitações.

Neste breve escrito, Elisa põe em cheque a noção comum a alguns feminismos de “espaço seguro”. Afirma, indo de encontro ao que foi colocado acima a partir de Joan Jett e Kathleen Hanna, a importância de estar atento. “Convido assim, todos e todas que um dia quiseram falar sobre ‘espaço seguro’ a olhar para essas paredes e perceber que é impossível falar em ‘espaço seguro’, proponho falar daqui para frente de atitudes seguras, de um olhar sempre alerta”.

Na sequência Elisa acrescenta:

Antes que me ensinassem o que era agressão física, me disseram que pessoas da minha família eram incapazes de me fazer mal. Antes que me ensinassem a dizer ‘não’, me disseram que a escola que estudava era segura, que lá nada iria me acontecer. (...) Isso pode acontecer com qualquer tipo de pessoa. Rica, pobre, branca, negra, homem, mulher etc. A ideia de que apenas um grupo demográfico específico de mulheres ou homens apanha é errada, ignorante, cega, e serve ao sexismo vigente.

Colocando em cheque também as construções acerca de pessoas vulneráveis e de

²¹ Ver: <http://blogueirasfeministas.com/2012/03/nao-existe-espaco-seguro/>.

pessoas perigosas. É interessante notar que, nos informativos acerca da auto defesa como o já citado *Manifesto rubro – informativo do projeto WenDo-se*, não há uma diferenciação entre lugares seguros ou não, tampouco entre pessoas perigosas ou não; ensina-se a auto-defesa sem lidar com probabilidades ou possíveis “situações de risco”.

Os trechos acima, do texto que foi lido após um show do *Dominatrix*, parecem sinalizar uma mudança no discurso *riot*. Podemos pensá-lo em relação ao texto lido após o show de comemoração dos quinze anos da banda em janeiro de 2011.

O aborto clandestino é a quinta maior causa de internações hospitalar de mulheres no SUS. 9% das mortes maternas são causadas por práticas clandestinas de aborto. O aborto clandestino é a causa de 25% dos casos de esterilidade por problemas nos ovários. A cada 15 segundos uma mulher é espancada pelo seu parceiro ou ex-marido. Seis mulheres são assassinadas por dia no Brasil por seus ex-maridos, namorados ou ex-namorados. O Brasil é um dos países que mais mata mulheres no mundo. Uma em cada quatro mulheres sofre violência doméstica. A cada dois dias um *gay*, lésbica ou transexual é assassinado no Brasil. Em São Paulo, sete a cada dez *gays*, lésbicas ou transexuais já apanhou. A cada 12 segundos uma mulher é estuprada no Brasil²².

Neste trecho as meninas do *Dominatrix* recuperam alguns dados oficiais de modo a afirmar o *girl power* enquanto *safety* frente a impossibilidade da segurança enquanto *security*. Contudo ainda havia nesse momento uma crença na possibilidade da criação de “espaços seguros” o que Elisa Gargiulo só afirma ter se mostrado também como uma impossibilidade para ela recentemente: “No dia de hoje [o texto foi lido em show realizado no dia 04 de março de 2012] decidi que nunca mais usarei a expressão ‘espaço seguro’. Hoje é oficialmente o dia, em que eu defino para mim mesma e quem quiser ouvir, que a responsabilidade de evitar a violência é das próprias pessoas”.

Nota-se um deslocamento no discurso que vinha se enunciando no *riot grrrl* aqui

²² Anotação de diário de campo - Show de 15 anos do *Dominatrix*, dia 09 de janeiro de 2011.

no Brasil. Frente ao que estava se mostrando uma captura via reivindicação de direitos agora demonstra encaminhar-se por uma outra linha, uma outra linha de fuga.

3. *Girl power* e empoderamento

Quando se descreve o *riot grrrl*, para tratar da fusão entre *punk* e feminismo, é comum a recorrência a duas expressões ‘do it yourself’ e ‘*girl power*’; a primeira como característica marcante do movimento *punk* e de suas vertentes e a segunda como referência ao novo feminismo apresentado pelo *riot grrrl*.

Ao longo da pesquisa não encontrei uma definição precisa do ‘*girl power*’, mas tendo em vista o contexto do surgimento do movimento e o intuito por uma revolução das garotas, arrisco delinear essa definição e pensar suas diferenças e proximidades com relação a um empoderamento enquanto noção muito difundida atualmente pelos feminismos institucionalizados.

Em 1991, Kathleen Hanna publicou na segunda edição de um de seus *fanzines*, o *Bikini Kill*, o *Manifesto Riot Grrrl*:

Porque eu acredito com todo o meu coração, minha mente e meu corpo que as garotas constituem uma alma de força revolucionária que pode, e irá, mudar o mundo realmente (...) Porque nós não queremos ser assimiladas ao padrão de outro alguém (garoto) quanto ao que é, e o que não é, ‘boa’ música, *punk rock* ou ‘boa’ escrita; DESSA MANEIRA precisamos criar fóruns onde possamos recriar, destruir e definir nossas próprias visões (...) Porque nós estamos furiosas com a sociedade que nos diz Garota=Burra, Garota=Má, Garota=Fraca (...) Porque nós, garotas, desejamos registros, livros e *fanzines* que falem por nós, que nos façam sentir incluídas e possamos compreender de nossas próprias maneiras (...) Porque nós sabemos que a vida é muito mais que uma sobrevivência física e estamos evidentemente cientes de que a ideia do *punk rock* de que ‘você pode fazer qualquer coisa’ é crucial para trazer a revolução das *grrrls* furiosas que procura salvar a vida física e cultural das garotas e mulheres em todos os lugares, de

acordo com seus próprios termos, não os nossos (...) Porque fazer/ler/ver/ouvir coisas legais, que nos validam e nos desafiam, pode nos ajudar a aumentar a força e o senso de comunidade de que nós precisamos, a fim de descobrir como besteiras como racismo, capacidade corporal, discriminação por idade, especismo²³, discriminação por classe social, discriminação dos magros, sexismo, anti-semitismo e heterossexismo figuram em nossas vidas (...) Porque nós queremos e precisamos encorajar e ser encorajadas frente a todas as nossas próprias inseguranças, frente ao garoto roqueiro idiota que nos diz que nós não podemos tocar nossos instrumentos, frente as ‘autoridades’ que dizem que nossas bandas/zines/etc são os piores dos EUA e que atribuem qualquer validação/sucesso do nosso trabalho a qualquer propaganda barata(...) Porque ver nosso trabalho conectado com a vida de nossas reais-amigas-políticas é essencial, uma vez que, nós queremos descobrir quem está causando impactos, refletindo, perpetuando ou rompendo o status quo.²⁴

Tendo em vista este manifesto e o contexto que propiciou as movimentações que dariam origem ao que ficou conhecido como *riot grrrl*, a vontade pela criação de um espaço de e para as garotas e a necessidade de união e de empoderamento de cada uma e da unidade das garotas, podemos pensar o *girl power* em um âmbito individual e em um âmbito coletivo.

No âmbito individual, o *girl power* envolve a noção de empoderamento de si (*empower yourself*) que abarca desde a questão da segurança enquanto *safety*, já vista, até questões relativas ao conhecimento de técnicas e práticas usualmente tidas como masculinas – apesar de ser algo pouco valorizado no meio *punk*, inclui-se aqui o

²³ O termo especificismo é comum a alguns movimentos de defesa dos animais como os *vegans* e a *frente de libertação animal*; significa um preconceito em relação a outras espécies, que não a humana, expresso no que consideram ser crueldades. Por crueldades compreendem um amplo leque que vai do abate de animais para o consumo alimentar até a utilização de animais em circos e eventos como touradas e rodeios.

HANNA, Kathleen. *The Riot Grrrl Manifesto*. In #2 *Bikini Kill*; 1991. Disponível em: http://www.dangerousminds.net/comments/kathleen_hanna_the_riot_grrrl_manifesto.

conhecimento e domínio de técnicas musicais, sendo comum a organização oficinas sobre o assunto em festivais *riots* – e uma noção de “auto aceitação”.

No relatório parcial abordei o modo como o discurso do *girl power* acabou se aproximando de um discurso de auto-ajuda. A “auto aceitação”, o encorajar-se e encorajar as outras - “nós queremos e precisamos encorajar e ser encorajadas frente a todas as nossas próprias inseguranças” - aparece, diferente da inquietação do cuidado de si como “forma de vida” (FOUCAULT, op. cit) daquele que não se sossega em si, como um olhar voltado a si de maneira conformada e confortável em uma ideia de imutabilidade.

No âmbito da coletividade, o empoderamento de cada *riot grrrl* se vincula ao empoderamento do grupo. Muito valorizada, a “união das garotas”, alimenta o empoderamento de cada uma e, simultaneamente, o fortalecimento do grupo.

Esse grupo de garotas empoderadas, com o tempo, passa a se afirmar enquanto uma comunidade, como pode ser notado no trecho do manifesto descrito acima. Como a implicação política de uma comunidade já foi abordada anteriormente, interessa aqui pensar a relação entre este empoderamento *riot grrrl* e o empoderamento das mulheres que vem aparecendo como conceito chave das lutas de mulheres e feministas institucionalizadas que têm como carro chefe a ONU Mulheres.

Sendo este último empoderamento vinculado a políticas neoliberais e compreendendo o empoderamento político e econômico das mulheres para assegurar melhorias e desenvolvimento sustentável, se pensarmos no início do *riot grrrl*, não encontraremos proximidades, contudo, se pensarmos na atualidade do movimento no Brasil poderemos encontrar algumas convergências. Quanto a essa atualidade me refiro a uma período delimitado desde meados de 2007 até o começo deste ano quando foi posta em cheque a noção de “espaço seguro” sinalizando uma possível metamorfose no

riot grrrl. É interessante notar que o discurso *riot* que se aproximou do discurso de empoderamento das mulheres, o que situo em meados de 2007, acontece próximo a eclosão dessa noção de empoderamento em meio aos feminismo institucionalizados que se deu 2005.

No último *Lady Fest* realizado no Brasil, em 2010, como edição comemorativa de 10 anos do festival, dois temas foram abordados e articulados nas discussões realizadas durante o evento: mulher e cultura no Brasil, e sustentabilidade, com as mesas *Feminismo além do bem e do mal: aliança feminista contra o machismo velado* e *Feminismo e sustentabilidade: um outro mundo é possível*.

A incorporação da sustentabilidade na cena e no discurso *riot grrrl* aponta para uma via de proximidade entre o movimento e o feminismo institucionalizado.

No festival anterior, em 2007, como já é usual do evento, as garotas organizaram oficinas destinadas às mulheres. Desta vez, dentre elas, já fora incluída uma oficina sobre manutenção de bicicletas que pode estar atrelada a disseminação de um discurso ambientalista jovem, que vem ganhando cada vez mais força na cidade de São Paulo, a cerca da utilização de bicicletas como meio de transporte ecologicamente correto.

Em 2009, Elisa Gargiulo, uma das organizadoras do *Lady Fest*, participou de quadros televisivos em um programa da emissora MTV alertando para a importância de práticas sustentáveis²⁵.

Se a defesa do empoderamento das mulheres é apoiada pelo fato deste empoderamento ser considerado imprescindível a garantia de um desenvolvimento sustentável e de melhorias para o planeta, a fúria do *girl power*, ao menos no Brasil, parecia estar minguando para mais reclamações de *garotas zangadas*. Agora, com o recente deslocamento no discurso *riot*, parece haver um escape por uma nova linha de

²⁵ Ver: <http://www.youtube.com/watch?v=5mI7wmd9muo&feature=related>.

fuga frente ao que se mostrava capturado.

4. Sexo

As práticas sexuais das mulheres sempre foram pensadas a partir do pensamento falocêntrico, tratadas como menos e menores. Menor no sentido da menoridade enunciada por Kant e retomada por Foucault em *O que são as luzes?* “por ‘menoridade’ ele (Kant) entende um certo estado de nossa vontade que nos faz aceitar a autoridade de algum outro para nos conduzir” (FOUCAULT, 2000: 337).

Uma outra relação com o corpo e as práticas do sexo é uma preposição comum aos pensamentos feministas pelos quais, cada um a sua maneira, colocam em cheque a relação e a valoração do corpo, do sexo, dos prazeres e desejos das mulheres enunciados pelas culturas patriarcais.

Acrescido a isso, tendo em vista que o *riot grrrl* é metamorfose do *punk*, onde, apesar da rixa com o movimento hippie, as práticas de sexo livre também eram bastante experimentadas; e adjacente ao *rock'n'roll*, cuja máxima é ‘sexo, drogas e *rock'n'roll*’; imagina-se um espaço de grande liberação sexual.

A fim de analisar as práticas do sexo no *riot grrrl*, primeiramente, retomo algumas de suas procedências em meio ao *rock* a partir de Diamanda Galás e da banda *Tribe 8*.

Diamanda Galás pensa o sexo enquanto um espaço de reprodução da luta de forças do restante dos espaços da sociedade. Defende práticas violentas que invertam os papéis comumente direcionados aos homens e as mulheres:

Eu penso que as mulheres deveriam ter um ‘ideal’: a única pessoa que te trata como igual é outra mulher. E quando você quer um subordinado, você pode foder a bunda de um homem! [SIC] Isso basicamente é a probabilidade do futuro. (...) Tive muitos homens

militares na minha vida (...) Eu gosto de homens violentos; Eu gosto da ideia de que posso aterrorizá-los e de que eles podem aguentar. (...) Eu não durmo com algum cara todas as noites, eu não o quero contaminando a minha cama. (Galás apud JUNO, 1991: 15-16)

A defesa das relações entre mulheres como um tipo ideal contrário ao machismo e a violência contra a mulher, presente no discurso de Galás, é muito semelhante a um certo discurso do *riot grrrl* nacional; ambos chegam ao extremo de invalidar relações entre homens e mulheres. Invalidam, constroem uma outra moral na qual os valores máximos impossibilitam pensar numa relação entre homem e mulher que não esteja vinculada a práticas sexistas e quando a pensam, a pensam enquanto exceção. Apesar disso Galás critica o preconceito com bissexuais e heterossexuais.

O uso da palavra *contaminating* (contaminando) na fala de Galás, vinculada aos homens, expressa uma vontade de pureza e extermínio muito semelhante aos discursos nazi-fascistas. Ao inverter e reproduzir a prática sexista, muito combatida pelas feministas, de objetificação das mulheres; trata os homens com quem se relaciona como estúpidos. Ela não admira os homens com quem se relaciona.

Quando a banda *punk* de mulheres *Tribe 8* adentrava os palcos com a vocalista sem camisa, os seios de fora, um pênis de borracha e acessórios sado masoquistas, deixava o público estarrecido. Não obstante a imagem, Lynn Breedlove, ao cantar a música *Romeo and Julio* sobre um casal *gay*, convidava algum homem que estivesse na platéia assistindo o show para subir ao palco e encenar uma performance de sexo oral²⁶. Terminada a música e a performance, Breedlove cortava o pênis de borracha fora. Para ela a importância dessa performance residia na exposição de uma outra possibilidade do público perceber as mulheres e suas práticas sexuais.

Segundo as integrantes da banda, as pessoas se incomodavam mais com os seios

²⁶ Ver: <http://www.youtube.com/watch?v=hxPwCdw9GXA>.

à mostra do que com o pênis de borracha. Elas contam que, a partir de uma denúncia, a polícia invadiu um de seus shows, exigindo que elas vestissem suas blusas. Depois de muita discussão elas se vestiram e, de volta ao palco, a baixista Lynn Payne debochou: “Eu estou tocando, eu estou com calor, eu tiro a minha camiseta!” (Payne apud Juno; 1996:52). Nesse dia os homens que estavam na platéia sem camisa também se vestiram, acompanhando as meninas da banda. Depois disso os shows do *Tribe 8* passaram a ter uma classificação indicativa mais elevada e as integrantes da banda foram instruídas a não se apresentarem sem roupa, “instrução” essa que não foi seguida.

Após o ocorrido, distanciando-se do deboche de Lynn Payne, Breedlove comentou achar irônico o fato de mulheres poderem ficar com os seios a mostra em “casas de shows masculinas”, mas não o poderem em um show de *rock*.

Em entrevista a Andrea Juno, no entanto, quando falam sobre relacionamentos entre *gays* seguindo uma normatividade heterossexual, as meninas parecem perceber a diluição das diferenças que decorre de uma conduta modulada a partir dos “direitos do macho hetero”²⁷.

Nenhuma de nós acredita em monogamia. (...) Neste país há um padrão do casamento heterossexual monogâmico. (...) Mas há também muitas pessoas que não vivem assim e são pessoas realmente boas. Podem ser heterossexuais, bissexuais – podem ser qualquer coisa – ou podem ser simplesmente esquisitões. Existem heterossexuais que são realmente caretas, mas existe um monte de sapatonas que são assim também. Elas dizem que se você é uma sapatão de verdade, você basicamente se casa com outra mulher, você tem um relacionamento baseado no casamento heterossexual, você não sai por ai vadiando (Mah apud JUNO, 1996: 59).

Apesar dessa questão se colocar em destaque em meio ao *riot grrrl*, ela não o era

²⁷ Faço aqui referência ao texto da aula-teatro *Saúde!* apresentada pelo Nu-Sol em maio de 2012. Ver: www.nu-sol.org.

assim no início do movimento em Olympia. A questão do sexo, neste momento, era circunscrita pela violência. Quando falavam de sexo remetiam a abusos e estupro, defendendo o empoderamento, enquanto *girl power*, das garotas para negar relações às quais não fossem de sua vontade e para saberem se defender em situações mais agressivas.

Não havia, de início, ainda que o espaço criado propiciasse tais experimentações, uma afirmação de novas práticas de sexo ou de liberação e o sexo *gay*, apesar de presente, não ocupava um lugar de destaque. O que havia desde o início era uma despreocupação com os julgamentos acerca das práticas sexuais das garotas. Daí a apropriação de termos como *slut* (vadia), *whore* (puta) e *dyke* (sapatão), as quais veremos no próximo capítulo.

Talvez nesse momento do *riot grrrl* tenham sido vivenciadas as possibilidades de experimentações de sexo livre de normativas e tipologias restritas à categorias duras nas quais estas experimentações se reduzem e se apaziguam em heterossexualidade, homossexualidade ou bissexualidade.

Pela falta de registros com relação a tais experimentações, no começo do *riot grrrl*, não há como adentrar na questão para além deste apontamento que arrisco aqui, precisamente, por não haver ainda grandes afirmações e definições sob as práticas de sexo das meninas.

No Brasil, o forte atrelamento do *riot grrrl* a setores do chamado movimento *gay* – que nos Estados Unidos não acontece, possivelmente, pela existência de cena *queercore/homocore* bem consolidada – acaba restringindo a possibilidade de experimentações de sexo livre ao produzir uma homonormatividade “ou seja, a produção de uma norma homossexual capaz de alienar outras formas de sexualidade” (LOURO, 2009: 141).

Isso pode ser constatado nas edições de 2006 e 2007 do *Lady Fest* Brasil cuja temática do evento esteve mais voltada para questões relativas à homossexualidade do que ao feminismo. Em 2007, sob a insígnia, “Tire sua própria virgindade” foram oferecidas às mulheres discussões sobre sexualidade feminina e transexualidade masculina, enquanto a única oficina do evento a lidar com sexualidade foi a oficina de *Consenso sexual para jovens lésbicas*, a qual foi premiada com o “Projeto Inovador 2006 da Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo”. Já em 2006, o tema do evento foi *É menino ou menina? – Gênero: o machismo torturando nossa identidade*, porém não obtive acesso à programação deste festival.

Em relato etnográfico de pesquisa de campo realizada em eventos da *cena riot grrrl* paulistana no período de maior efervescência do movimento, entre 2004 e 2007, a cientista social Regina Facchini nota que “Embora a *cena* das *minas do rock* não fosse pensada como um espaço relacionado à sexualidade ou à homossexualidade, as *dykes*²⁸ se tornaram referência na *cena*.” (FACCHINI, 2011: 128).

Em entrevista à antropóloga Michele Câmara Camargo no ano de 2008, uma *riot grrrl* afirma ser tratada com desprezo pelas meninas *dykes* pelo fato de não ser *gay*:

Acho idiotice quando dizem que a gente não é feminista, que a gente não é sapatão, que eu já ouvi falar, eu acho patético (...) hoje em dia tem *dyke* que tá passando e que me olha torto porque acham que eu não sou sapatão. (CAMARGO, 2011: s/p)

A construção e a valorização da identidade *dyke* enquanto grupo de garotas *gays* dentro do *riot grrrl* adquire cada vez mais expressividade dentro da *cena* paulistana, circunscrevendo o espaço do movimento *riot grrrl* a mais um espaço angariado por jovens *gays* da classe média de São Paulo. Do atrelamento a esse espaço identitário

²⁸ Em português o termo inglês *dyke* significa algo como sapatão. As *riot grrrls*, tanto estadunidenses quanto brasileiras tomaram para si esse termo, como será mostrado no capítulo cinco. Com o tempo foi se consolidando uma *cena dyke* dentro do *riot grrrl* composta por meninas *riots gays*.

acabam emergindo práticas sexistas (ANEXO E) as quais assombravam o *riot grrrl* desde o seu início como podemos notar num dos parágrafos do *Manifesto Riot Grrrl* “Porque nós estamos dispostas a não titubear sob as reivindicações de que nós somos reacionárias e ‘sexistas reversas’ e que não temos a verdadeira alma do *punk rock* que nós sabemos que temos”.

Essa fragmentação em centenas de identidades como a *dyke*, acaba atuando como um fator agravante da diminuição dos espaços e práticas de liberdade e resistência.

Esta é a maneira pela qual a sociedade de controle organiza seus dispositivos de poder, especificando e localizando cada uma das possíveis resistências e as colocando enquanto demanda participativa, representada por um agente democrático capturado dentro da própria organização, exercendo função de polícia e educador. (NARDELLI, 2010: 26)

5. Resignificações – a nova linguagem *slut*

O movimento *riot grrrl* produziu uma nova linguagem, inserida nas linguagens feministas, a qual lida com a demolição e ressignificação de termos e conceitos. O movimento ressignifica e reivindica para si o uso de palavras que na linguagem masculina são dotadas de sentidos pejorativos, como o uso comum de palavras como *slut* e *whore* (ambas sinônimos de puta ou vagabunda) e, até mesmo, indo de encontro com a questão do sexo, *dyke* (sapatão).

Abordarei neste capítulo a ressignificação e produção de uma nova linguagem feminista a partir do *riot grrrl*, com foco no uso da palavra *slut*, já que a ressignificação do termo *dyke* e sua problematização já foram expostas no capítulo anterior, tendo em vista a possibilidade das ressignificações – da linguagem, do sexo, do prazer - acabarem caindo na afirmação de discursos que enunciam e reforçam necessidades de direitos, volto minha atenção também para o rumo desta ressignificação *riot*.

As *riot grrrls*, no início do movimento, apresentavam-se em shows sem camisa e com palavras como essas escritas em seus corpos. Esta prática começou em 1991 em shows do *Bikini Kill*. Sara Marcus relata uma das primeiras vezes em que Kathleen apareceu com o corpo escrito em uma de suas apresentações:

Kathleen se virou para o fundo do palco do DC Space e tirou sua camiseta em um movimento deliberadamente vulgar. O *Bikini Kill* tinha tocado suas primeiras músicas completamente vestido, mas agora, vestindo apenas uma saia e um sutiã preto arrematado, Kathleen virou de frente para o público e então todos puderam ver o que estava escrito em sua barriga: *SLUT* (MARCUS, 2010: 75).

Kathleen diz ter começado a escrever a palavra *slut* em sua barriga porque era o que os homens costumavam pensar dela; “Quando você tira sua camiseta eles pensam ‘Oh que vadia (*slut*)’ e é realmente engraçado porque eles pensam isso e então eles olham para você e é isso o que é dito.” (Hanna apud MARCUS, 2010: 202). Não havia tanto a preocupação com uma ressignificação da linguagem, como veremos com as organizadoras da *SlutWalk*; tratava-se mais de uma provocação.

Tanto *dyke* quanto *slut* são termos estigmatizados, utilizados comumente de forma pejorativa e desde o começo associados às mulheres roqueiras e *punks*. Joan Jett conta que, na época do *The Runaways*, as pessoas ficavam escandalizadas pelo fato das garotas serem muito novas e estarem tocando em uma banda de *rock*. Era comum lhes perguntarem ou afirmarem coisas como: “‘Você é uma vadia?’ ou ‘Você deve ser uma puta ou uma sapatão’” (Jett apud JUNO, 1996: 70).

O uso da palavra *slut* vem sendo oxigenado e bastante veiculado desde o ano passado com a *Slut Walk*. A marcha começou como uma manifestação, no Canadá, após um policial, em palestra sobre segurança numa Universidade de Toronto, local no qual uma estudante havia sido estuprada, afirmar que para própria segurança as estudantes não deveriam se vestir como vadias (*slut* em inglês).

A marcha foi organizada por Heather Jarvis e Colleen Westendorf, duas feministas e ativistas LGBTTT canadenses. Antes da realização da marcha, já com um grupo de apoio consolidado, as duas entraram em contato com a polícia de Toronto exigindo uma responsabilização pública frente a declaração do policial. Além desta reclamação, elas apresentaram uma lista de reivindicações apontando reformas as quais julgavam necessárias para a efetuação de “melhorias” dentro da instituição. Esta lista se desdobrou a partir de dois tópicos:

Reestruturação da polícia a partir de novo treinamento e educação (treinamento do corpo maior e educação estendida à comunidade) com os próximos dois anos para incluir linguagem não-discriminatória, aumentar a compreensão acerca de experiências de marginalização e opressão, e inclusão práticas e protocolos que dêem suporte as vítimas e sobreviventes de agressão sexual.

Aumento e expansão de programas educacionais para o público nos próximos dois anos sobre agressão sexual com foco nos ‘mitos sobre estupro’ e estereótipos (acerca da percepção e compreensão de como as agressões e estupros acontecem)²⁹.

Não tendo sido atendidas pela polícia para a qual encaminharam reivindicações de *security*, convocaram para o dia 3 de abril de 2011 a manifestação que definiram como:

A *SlutWalk* é sobre expressar nossa unidade, lutando para verter os estereótipos e mitos sobre agressão sexual e auxiliando uma melhor compreensão do que porque a violência sexual acontece; nós estamos aqui para ajudar as vítimas e sobreviventes, e para pôr a culpa em seu lugar: sob todos aqueles que perpetuam a violência sexual³⁰.

Além de acreditar e defender a possibilidade de “melhorar” a polícia,

²⁹ Disponível em: <http://www.slutwalktoronto.com/about/how>.

³⁰ Disponível em: <http://www.slutwalktoronto.com/about/how>.

consequentemente dando continuidade a uma série de punições e prisões, as organizadoras da marcha imputam às pessoas que passaram por situações de violência sexual a categoria de vítimas. Categoria essa evitada pelo discurso *riot grrrl* o qual não colocava o empoderamento das garotas – *girl power* – enquanto uma possível vingança de garotas vitimizadas. O *girl power* não se destinava a uma retratação com agressores passado não havendo reivindicação por “justiça” ou “punição”. [estava confuso, reescrevi]

No dia 3 de abril de 2011, centenas de mulheres foram às ruas de Toronto com cartazes e vestidas, em sua maioria, ‘como vadias’. Passados alguns dias, manifestações do tipo ocorreram em outros distritos canadenses e nos Estados Unidos e hoje ocorrem *slut walks* em escala global.

Em todos os cantos do planeta em que acontece, a *SlutWalk* espalha os gritos da marcha inicial:

Não importa o que eu visto
Não importa com que eu me pareço
Não importa qual a expressão de meu gênero
Não importa quanto ou qual o tipo de sexo eu tenho
Não importa o que eu fiz anteriormente
Não importa de onde eu venho
Não importa como o meu corpo tem sido ‘desvalorizado’ pelos outros
Não importa do que eu já fui chamada
Meu corpo não é um insulto³¹

Estes gritos iniciais demonstram algo pertinente ao cuidado de si, a segurança enquanto *safety*. Assim, podemos notar, que na *SlutWalk* há um duplo *safety* – *security*. As questões relativas a segurança enquanto *safety* e enquanto *security* se misturam. Ora

³¹ Disponível em: <http://www.slutwalktoronto.com/>.

podemos notar a preponderância de uma, ora de outra. A captura e a máquina de guerra aparecem juntas em um embate sutil que muitas vezes, na análise detas marchas, passa despercebido.

Já é possível analisar, até aqui, a mudança – ressignificação da ressignificação – no uso da palavra *slut*. Anteriormente, a palavra que fora usada como uma ofensa na linguagem masculina, passou a ser usada pelas *riot grrrls* como uma maneira de romper com a conduta de boas garotas, mas sem perder o tom agressivo carregado nessa palavra. Atualmente, no Canadá, a palavra *slut* foi usada como forma de protesto à omissão e declaração do polícia, mas também sem perder sua agressividade, pois, apesar de toda a tentativa de negociação e “melhora” da polícia anterior à marcha, as mulheres que saíram às ruas naquele momento se posicionavam contundentemente contra a declaração do policial. Com a globalização da marcha local, o termo *slut* foi levado a vários países (alguns, a maioria de língua espanhola, não utilizaram o nome *slut walk*, traduzindo-o).

O grupo Marcha Mundial das Mulheres e as Blogueiras Feministas, em companhia de importante nome do *riot grrrl* nacional, Elisa Gargiulo, organizaram, no dia 02 de junho de 2012, a primeira *slut walk* brasileira impulsionadas pela declaração do humorista Rafinha Bastos em uma de suas apresentações “Toda mulher que vejo na rua reclamando que foi estuprada é feia pra caralho. Tá reclamando do quê? Deveria dar graças a Deus”³². Por essa razão, a marcha se encerrou em frente ao *Comedians*, propriedade do humorista em comunhão com o também humorista Danilo Gentili. A porta do estabelecimento ficou coberta com os cartazes que os manifestantes carregavam.

A primeira *SlutWlak* paulistana, trazendo diversos cartazes com palavras de

³²<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/926924-rafinha-bastos-encoraja-estupro-diz-conselho-da-condicao-feminina.shtml>.

ordem e dizeres idênticos aos canadenses³³, logo desembocou na comum reivindicação de direitos. Cartazes pelo direito de se vestir como quiser e ter segurança para fazê-lo, de um lado, de outro, cartazes pela legalização do aborto³⁴ e pela “não à impunidade”.

Segundo nota na Folha Online o evento teve cerca de 300 pessoas, mas a impressão que tive foi de um número bem abaixo. Vale destacar a presença massiva da imprensa e da polícia.

No dia 26 de maio de 2012 fora realizada na Avenida Paulista, em São Paulo, a segunda edição da marcha na cidade, agora traduzida como *Marcha das Vadias*. O tema da marcha deste ano, seguindo as orientações da *SlutWalk Toronto*, foi “contra a culpabilização das vítimas de violência sexual”.

Este ano a organização foi mais ampla – mas continuou contando com o Facebook como principal ferramenta - e envolveu grupos de outras cidades do país, uma vez que, se pretendeu uma marcha em escala nacional. A Marcha Mundial das Mulheres, as Blogueiras Feministas e a *riot grrrl* Elisa Gargiulo continuaram na organização do evento.

Segundo estimativas da polícia, a marcha contou com 500 pessoas, mas tendo acompanhado a realização do evento acredito que o número tenha sido bem maior. O trajeto percorrido pela marcha foi o mesmo do ano passado, com concentração na Praça do Ciclista e as manifestantes desceram a rua Augusta até chegarem na Praça da República. No ano passado a marcha terminou na própria rua Augusta em frente ao teatro *Comedians*.

Dotada de maior divulgação e articulação, a marcha deste ano atraiu um número maior de participantes, inclusive homens, e exibiu um grande leque de cartazes e de corpos semi nús escritos com palavras como “livre!”, “nem puta, nem santa, mulher”,

³³ “I’m not freak, I was born with my freedom”.

³⁴ “Se o papa engravidasse o aborto seria legalizado”.

“este corpo é meu!”, “não sou estuprável” ou, até mesmo, fazendo referência ao nome da marcha. Os cartazes protestavam contra a violência sexual e doméstica, passando pelo corpo da mulher, até a defesa do prazer e do gozo feminino; mostrando diferenças em relação aos cartazes da primeira edição da manifestação.

Antes da marcha se iniciar, os participantes ficaram um longo tempo na concentração onde Elisa Gargiulo estava disponibilizando um megafone aberto para manifestações dos participantes. Algumas pessoas, em sua maioria garotas e *gays*, foram ao megafone para brandar gritos de guerra, outras utilizaram o espaço para dar depoimentos de situações de violência que haviam vivenciado.

Esse espaço para “depoimentos” ou para “falar o que quiser” é comum nos shows de *riot grrrls*. O microfone aberto ao público durante o intervalo das apresentações das bandas, antes mesmo do *riot*, advem do *punk*. A vocalista da banda *Tribe 8*, Lynn Breedlove, conta que durante o festival *Womyn’s Music Festival* muitas mulheres deram depoimentos no microfone contando casos de estupro e dizendo coisas como: “Agora, da próxima vez que algum cara tentar me estuprar, eu irei dar uma facada nele e irei matá-lo!” (Breedlove apud JUNO, 1996: 40). A descrição de Breedlove se assemelha a observada por mim durante a concentração da marcha.

Sem grandes conflitos com transeuntes e polícia, a marcha seguiu seu trajeto ao som da batucada da Marcha Mundial das Mulheres e de gritos de guerra como: “hey machista, eu dou para quem eu quiser, a porra da buceta é minha” (referência a um funk carioca da Deise Tigrona), “o corpo é da mulher, ela dá pra quem ela quer”; “que contradição aborto é crime, homofobia não” (provavelmente este foi o grito mais repetido ao longo da marcha), “não sou miss, nem avião, minha beleza não tem padrão”.

Além da participação da Elisa Gargiulo, pude notar a presença de garotas que frequentam a cena *riot* paulista, inclusive de bandas como a santista *Anti-Corpos*.

6. E agora?

atualidade riot grrrl no Brasil

A *Marcha das Vadias* aparece no escopo das atividades atuais das *riot grrrls* paulistanas. Durante a pesquisa me dediquei a acompanhar via internet e frequentando o campo a atualidade do movimento aqui em São Paulo. No período de um ano foram realizados poucos shows *riots* e apenas dois festivais, circunscritos a organização de grupos do movimento *gay*, o *Todas queer*, realizado em dezembro de 2011 e o *Queers and Queens*, realizado em março de 2012.

Contudo, desde o começo deste ano, a cena que vinha bastante parada, desde 2008, começa a apresentar novas movimentações. Além dos eventos já citados, bandas da primeira década de 2000 – grande momento do *riot grrrl* nacional – vem retomando a atividade após anos sem tocar como é o caso da banda santista *Anti-Corpos* que já lançou novo cd e voltou aos palcos.

Acredito que o maior destaque do *riot grrrl* nacional hoje seja o coletivo baiano Vulva la Vida responsável por organizar uma série de eventos e shows *riots* no norte do país e o festival Vulva la Vida que, depois da perda de regularidade do *Lady Fest*, desponta como o maior festival *riot* do país.

Sendo os eventos realizados na Bahia muitas *riots* e bandas de São Paulo e de outras cidades da região Sudeste e Sul do país, regiões que concentram a maior parte das cenas *riots* brasileiras, têm sido convidadas para participar e frequentar a cena e os eventos de lá. Com o eminente crescimento do coletivo já está marcada a segunda edição do *Femi.Nic*, em agosto, na cidade do Rio de Janeiro. O *Femi.Nic* é um piquenique organizado com o intuito de promover a reunião de *riot grrrls* com a debates

e uma oficina³⁵.

o esgotamento nos Estados Unidos

Minha pesquisa acerca do *riot grrrl* estadunidense compreendeu a eclosão do movimento e sua primeira fase, de 1990 até 1996.

No ano de 1996 as *riot grrrls* que fizeram acontecer as primeiras movimentações apontam um enfraquecimento da cena culminado no fim do *Bikini Kill* em 1997. Para elas os conflitos com a imprensa, a acusação – dentro e fora do *punk* - de serem “feminazis” (feministas nazistas) e a captura da “*angry girl*” pela indústria fonográfica pop desanimaram o ímpeto “revolucionário das garotas” (MARCUS,2010).

Pelo investimento em um espaço só de garotas, as *riot grrrls* passaram a ser consideradas separatistas pelos homens que frequentavam a mesma cena e eram impedidos de participar todos os espaços e eventos. Além de não poderem participar das reuniões semanais, os garotos não podiam *pogar* (dança *punk*) nem dar *mosh* (se jogar do palco para o público) no espaço próximo ao palco, deixando-o para as garotas. Segundo lhes era instruído pelas *riots*:

Mantenha os seus contornos longe da minha cabeça. Se você quer dar *mosh* vá para onde você não me dê porrada. Eu não gosto disso e deixarei você perceber isso com um soco bem dado no seu pênis. Fique longe do meu corpo. Há uma dança acontecendo e é a Revvvolução: o *twist* [dança típica ao *rock* estadunidense] *RIOT GRRRL* continuará em todos os lugares que eu quiser AGORA³⁶.

Com o tempo e em função de condutas como essa, as garotas passaram a ser chamadas de “feminazis”.

³⁵ Ver: <http://festivalvulvalavida.wordpress.com/>.

³⁶ Trecho de *flyer* distribuído em show *riot grrrl* na década de 1990 (MARCUS, 2010:127-128).

Em relação à captura do *riot grrrl* pela indústria pop, Sara Marcus comenta:

O enunciado da fúria feminina não se parece mais revolucionário agora que as grandes gravadoras estão alimentando as massas com as ‘garotas furiosas do pop’ com mulheres sedutoras como Fiona Apple, Meredith Brooks e Alanis Morissette. Até o ‘*girl power*’, frase que provavelmente foi estreada na capa da segunda edição do *zine Bikini Kill*, foi transformado em um refrão de líderes de torcida quando o primeiro cd da banda *Spice Girl’s* foi lançado em 1996. (MARCUS, 2010:327)

Ainda que terminada esta primeira fase do movimento com o fim do *Bikini Kill*, as garotas envolvidas na cena continuaram a montar bandas de *rock* e *punk* só de garotas, mas agora não mais falando sobre a revolução das garotas e violência sexual. Em entrevista a Andre Juno Kathleen Hanna já adianta: “Quando eu tinha 19 anos eu escrevia músicas que vinham das entranhas, mas eu não estou interessada em fazer isso o tempo todo.”

Depois do *Bikini Kill*, Kathleen Hanna montou a banda de *eletro-punk* *Le Tigre* que existe até hoje e é referência para a cena *riot grrrl*. Corin Tucker, na sequência do término do *Bikini Kill*, parou com a banda *Heavens to Betsy* e criou a banda *Sleater-Kinney*, também grande referência do *riot grrrl* até hoje, apesar de não existir mais. Tobi Vail e Allison Wolfe continuaram a escrever *fanzines* e a tocar em bandas dentro da cena *hardcore*, nenhuma destas ficou conhecida ou despontou como referência do *riot grrrl*.

Pussy Riot

Apesar de estar voltada para a atualidade do *riot grrrl* no Brasil, um acontecimento internacional chamou atenção. De olho nas movimentações de garotas jovens e feministas que vem acontecendo em vários cantos do planeta, como a *SlutWalk*

e o *Femen*³⁷, encontrei um grupo russo chamado *Pussy Riot*.

Criado em setembro do ano passado, após a confirmação da candidatura de Putin as eleições deste ano, oito mulheres russas criaram a banda de *punk rock* feminista *Pussy Riot*. Com letras contra Putin e seu governo, enfatizando a situação das mulheres e dos *gays* na Rússia, vestindo balaclavas coloridas, as garotas realizam shows em “lugares proibidos”. Já tocaram na Praça Vermelha, em estações de metrô, no teto de um café burguês, no telhado de um prédio próximo ao Centro de Detenção de Moscou, dentro igrejas.

As garotas foram presas após quase todas essas apresentações, sendo soltas logo em seguida. Após a apresentação da música *Punk-Prayer “Virgin Mary, Put Putin Away”* (Reza-punk “Virgem Maria, ponha o Putin para fora”) - cujo refrão pede “Virgem Maria, Mãe de Deus/ Ponha o Putin para fora/ Ponha o Putin para fora/ Virgem Maria, Mãe de Deus/ Se torne feminista/ Se torne feminista³⁸” - dentro da Catedral do Cristo Salvador³⁹, em Moscou, três integrantes do grupo foram detidas e permanecem na prisão e, se condenadas, cumprirão pena de sete anos. Essa prisão tem chamado a atenção de ativistas dos direitos humanos, feministas e lgbtts de todo o planeta e deu maior notoriedade ao grupo. Hoje existem sites, notícias e um bom número de material traduzido – grande parte em inglês e espanhol.

As integrantes do *Pussy Riot* declaram serem muito influenciadas pelo *riot grrrl*.

“Muito do crédito vai para o *Bikini Kill* e as bandas da cena *Riot Grrrl* — de certa maneira nós desenvolvemos o que elas fizeram nos anos 90, embora o contexto seja absolutamente diferente, e com uma postura exageradamente política, o que leva todos os nossos shows a serem ilegais — nunca fizemos um show num

³⁷ Grupo de garotas ucranianas que realiza protestos com o seis de fora pela Europa. O grupo foi criado em 2011 para protestar contra o turismo sexual de mulheres na Europa, mas suas manifestações não se restringem a essa causa. Hoje, há grupos do *Femen* em vários lugares do planeta.

³⁹ <http://www.youtube.com/watch?v=ALS92big4TY>.

clube ou em qualquer espaço especial para música. Esse é um princípio importante para nós”⁴⁰.

Além das músicas protestando pela queda do governo de Putin e contrárias ao apoio da Igreja Católica russa ao governo - *Punk-Prayer “Virgin Mary, Put Putin Away”* (Reza-punk “Virgem Maria, ponha o Putin para fora”) e *Putin got scared* (Putin ficou assustado) – as garotas fizeram intervenções com apresentação de mais três músicas *Death to prison , freedom to protest* (Morte à prisão, liberdade de protesto) *Kropotkin-vodka* e *Raze the Pavement* (Aniquile a calçada).

As músicas *Death to prison , freedom to protest* e *Raze the Pavement* defendem manifestações e ocupações na Rússia como as que ocorreram em vários países no ano de 2011. Em *Raze the Pavement* fazem referência à coragem das mulheres nas manifestações da Praça Tahir no Egito, “Olhe para o ferro no balcão, aniquile a calçada/ Nunca é tarde demais para se tornar uma dominatrix”. Já em *Death to prison, freedom to protest*, as garotas cantam:

A alegre ciência de ocupar as praças/ para todos a vontade é poder,
sem malditos líderes/ ação direta – o futuro da humanidade!/ LGBT,
feministas, defendam a nação!/ Morte à prisão, liberdade de protesto/
Faça os policiais servirem a liberdade/ Protestos trarão bons climas/
Ocupe a praça, assuma pacificamente/ Tire as armas de todos os
policiais/ Encha a cidade, todas as praças e ruas/ Existem muitas na
Rússia, tome-as/ Abra todas as portas, tire as correias de seus ombros/
Sinta o cheiro da liberdade junto conosco⁴¹.

Ainda que se possa notar uma série de problematizações em relação às manifestações e ocupações que eclodiram no decorrer do ano passado, que não tratarei aqui, é perceptível um ímpeto revolucionário feminista jovem semelhante ao do início

⁴⁰ http://www.vice.com/pt_br/read/conheca-o-pussy-riot.

⁴¹ Disponível em: <http://freepussyriot.org/content/lyrics-songs-pussy-riot>.

do movimento *riot grrrl*. Evidentes contextos e momentos históricos diferentes, mas há, em ambos, um grito por liberdade e a afirmação de uma potência revolucionária nas mulheres. Ainda que a liberdade apareça aqui como um ideal, “o futuro da humanidade”.

No caso da *Pussy Riot*, a liberdade da qual falam se aproxima a percepção de liberdade para alguns anarquismos. No trecho acima, além de bradar a destruição da prisão e da polícia, as garotas falam em ação direta, prática própria aos anarquismos. Na canção *Kropotkin-vodka* há referência ao anarquista russo Piotr Kropotkin:

Seduza o batalhão dos policiais mariconas/
Policiais pelados regojizarão nas novas reformas/
É o fodido fim dos putinistas sexistas!/
Vodka-Kropotkin espirra nas barrigas/
Você se sente bem, mas aqueles Kremllins bastardos/
Enfrentam a revolta dos toaletes, envenenamento fatal.⁴²

Mais uma vez, devido à proximidade histórica com o acontecimento, é difícil traçar uma grande análise, mas interessa aqui assinalar o vínculo ao discurso *riot grrrl*, que como as próprias russas atestam, é uma grande procedência e influência para o grupo, colocando o *Pussy Riot* enquanto um desdobramento do *riot grrrl*.

Conclusão

A invenção do *riot grrrl* por jovens garotas na década de 1990 culminou na experimentação de novas práticas e na criação de novos espaços. Esgotando-se no ano de 1996, o discurso e as práticas enunciadas por estas garotas acabaram se desdobrando.

⁴² Disponível em: <http://freepussyriot.org/content/lyrics-songs-pussy-riot>.

Algumas seguiram no meio musical e *punk*, sem carregar as bandeiras da revolução que um dia se pretendeu no início do movimento, outras seguiram com condutas guetificadas em suas comunidades de garotas. Houve também a captura do *girl power* e das garotas furiosas pela indústria pop.

Aqui no Brasil o *riot grrrl* que chegara ao mesmo tempo em que estava se esgotando nos Estados Unidos, importou os ideais de uma revolução que já havia declinado e as práticas de seu movimento. Foi criada uma cena *riot* brasileira seguindo o modelo do que havia sido inventado pelas *riots* de Olympia.

Tornando-se um espaço de afirmação identitária para jovens garotas *gays* o *riot grrrl* paulistano congregou duas minorias – mulheres e *gays* – as quais são alvos de investimento e interesse para sua “inclusão” e “participação” na sociedade de controle.

Transformando o *girl power* em empoderamento das mulheres para defender um desenvolvimento sustentável, reduzindo o espaço onde se abria a possibilidade de experimentações de sexo livre ao “mundo *dyke*” e lutando ao lado de organizações feministas institucionalizadas por direitos e “políticas públicas” a máquina de guerra *riot grrrl* foi capturada.

De outro lado, hoje é possível notar um escape dessa captura por novas linhas de fuga que aparecem em nuances da *SlutWalk*, com as russas do *Pussy Riot* e no recente deslocamento acerca da noção de “espaços seguros” retomando a segurança enquanto *safety* e pondo em cheque as reivindicações de *security*.

ANEXOS

ANEXO A

Double Dare ya – Bikini Kill

Hey girlfriend/I got a proposition goes something like this:/dare ya to do what you want/dare ya to be who you will/dare ya to cry right out loud/“you get so emotional

baby"/double dare ya, double dare ya, double dare ya/girl fucking friend yeah/double dare ya/double dare ya/double dare ya/girl/don't you talk out of line/don't go speaking out of your turn/gotta listen to what the Man Says/time to make his stomach burn/burn, burn, burn, burn, burn/double dare ya, double dare ya, double dare ya/girl fuckin friend yeah/double dare ya/double dare ya/double dare ya/girl/you're a big girl now/you've got no reason not to fight/you've got to know what they are/for you can stand up for your rights/rights?/rights?/you do have rights.

Desafio você duplamente – Bikini Kill (Traduzido por Flávia Lucchesi)

Hey amiga/ Eu tenho uma proposta é algo do tipo:/ Te desafio a fazer o que você quer/

Te desafio a ser quem você será/ Te desafio a chorar muito alto/ "você ficou tão

emocional baby"/ Te desafio duplamente, te desafio duplamente/Garota foda amiga

yeah/ Te desafio duplamente/ Te desafio duplamente/ Te desafio duplamente/ Garota/

Não fale fora de hora/ Não venha falar na minha vez/ Tem que ouvir o que os homens

dizem/ Hora de fazer seus estômagos queimarem/ Queimar, queimar, queimar, queimar,

queimar, queimar/ Te desafio duplamente, te desafio duplamente/ Garota foda amiga

yeah/ Te desafio duplamente/ Te desafio duplamente/ Te desafio duplamente/ Garota/

Você é uma grande garota agora/ Você não tem razões pra não lutar/ Você tem que

saber o que eles são/ Para poder se levantar por seus direitos/ Direitos? Direitos?/ Você

tem direitos!

Alien She – Bikini Kill

She is me/I am her/She is me/I am her siamese twin connected at the cunt/Heart brain,

heart brain, heart brain lung gut/I want to *Kill* her/ But I'm afraid it might *Kill* me/

Feminist/ Dyke whore I'm so pretty/ Alien/ She wants me to go to the mall/ She wants

me/ To put the pretty, pretty lipstick on/ She wants me to be like her/ She wants me to

be like her/ I want to *Kill* her/ But I'm afraid it might *Kill* me/ Feminist/ Dyke whore/

Pretty, pretty/ Alien/ And all I really wanted to know/ Who was me and who is she/ I guess ill never know

Ela Alien – Bikini Kill (Traduzido por Flávia Lucchesi)

Ela é eu/ Eu sou ela/ Ela é eu/ Eu sou sua irmã gêmea siamesa grudada pela xoxota/
Coração cérebro, coração cérebro, coração pulmão intestino/ Eu quero matá-la/ Mas eu
tenho medo que isso talvez me mate/ Feminista/ Sapatão, puta, sou tão bonita/ Alien/
Ela quer que eu vá ao shopping/ Ela me quer/ Para pôr o bonito, bonito batom/ Ela quer
que eu seja como ela/ Ela quer que eu seja como ela/ Eu quero matá-la/ Mas eu tenho
medo que isso talvez me mate/ Feminista/ Sapatão/ Bonita, bonita/ Alien/ E tudo que eu
realmente queria saber/ Quem era eu e quem é ela/ Eu acho que nunca saberei

Don't need you – Bikini Kill

Don't need you to say we're cute/Don't need you to say we're alright/Don't need your
atti-fukin-tude boy/Don't need your kiss of goodnight/We don't need you/We don't need
you/Us girls don't need you/Don't need you to tell us we're good/Don't need you to say
we suck/Don't need your protection/Don't need your dick to fuck/We don't need you/We
don't need you/Us whores don't need you/Does it scare you/That we don't need
you?/Does it scare you boy/That we don't need you?/We don't need you/We don't need
you/us punks don't need you

Não precisamos de você - Bikini Kill (Traduzido por Flávia Lucchesi)

Não precisamos de você pra dizer que somos bonitinhas/ Não precisamos de você pra
dizer que estamos bem/ Não precisamos de sua porra de atitude garoto/ Não precisamos
de nenhum beijo de boa noite/ Nós não precisamos de você/ Nós não precisamos de
você/ Nós garotas não precisamos de você/ Nós não precisamos de vocês pra dizer que
somos boas/ Não precisamos de vocês pra dizer que somos péssimas/ Não precisamos

de sua proteção/ Não precisamos de seu pau pra foder/ Nós não precisamos de você/
Nós não precisamos de você/ Nós putas não precisamos de vocês/ Isso te assusta que
não precisarmos de você?/ Te assusta garoto?/ Que não precisamos de você/ Nós não
precisamos de você/ Nós não precisamos/ Nós *punks* não precisamos de vocês!

ANEXO B

Punk rock não é só pro seu namorado - Bulimia

O que te impede de lutar?/ O que te impede de falar?/ Pare de se esconder/ Você não é
pior que ninguém/*Punk Rock* não é só pro seu namorado/ Você sempre quis tocar,/
Você sempre quis andar de skate,/ Você que sempre quis quis quis/ Você não é um
enfeite!/ *Punk Rock* não é só pro seu namorado/ Faça o que tiver vontade/ Mostre o que
você pensa/ Tenha a sua personalidade/ Não se esconda atrás de um homem.

Lute pela sua vida - Bulimia

Nos empurraram uma tarefa/ Nos reservaram um espaço/ Nos colocaram num caminho,
mas não temos que seguir/ Não importa se acham bonito ou feio uma garota dar em
cima de alguém/ É a sua vida/ Não importa se acham bonito ou feio uma garota exercer
certas atividades/ É a sua vida/ Lute por ela!/ Não deixem que seus sonhos se tornem
lembranças de uma dona de casa passiva e submissa

Nosso corpo não nos pertence - Bulimia

Moralistas sempre querendo nos proibir nos inibir de todo prazer/ Usam Deus para nos
fazer broxar nos cercam de fantasmas/ Você está sendo vigiada!/ Masturbação é tabu, é
anormal, é pecado/ Fora isso só podemos consumir as drogas fornecidas pelo Estado/
Nosso corpo não nos pertence/ Libertação sexual é só uma farsa voltada aos interesses

dos homens/ Unicamente aos interesses dos homens/ Aborto é crime, suicídio é ilegal/
Fora isso só podemos consumir as drogas fornecidas pelo estado/ Nosso corpo não nos
pertence/ Não!

O sentir que violenta - Cosmogonia

Ter um corpo que não te pertence/ Uma personalidade que querem destruir/
Pensamentos que querem comandar/ Mãos que querem atar/ Boca que querem calar/
Desejos que querem reprimir/ O Sentir que violenta.../ O silêncio é o cúmplice da
violência/ A insegurança persegue do berço ao tumulto/ Resistência abrir os olhos/
Negamos ser cúmplices de sua violência/ Não somos mulheres sem rostos/ No caminho
do esquecimento/ Suas instituições nos torturou/ Com seu sangue de pureza, encravado
em sua cruz/ Você nos violentou/ Renegamos seus princípios, renegamos suas morais/
Sua homofobia, seu sexismo, seu machismo/ Suas tradições, sua hipocrisia, seu ser/
Corrompemos a sociedade/ Expondo as verdades escondidas/Somos a vingança que te
persegue/ As vozes dos excluídos silenciados/Transgredimos sua padronização moral,
estética, sexual/Enquanto houver uma luz no amanhecer/Não mais nos calamos, não
mais, não mais.../Será que há algum mal em ter suas próprias escolhas?/Será que há
algum mal em querer o fim da violência contra as mulheres?/Será que há algum mal em
não aceitar ser um objeto ?/Será que há algum mal em não aceitar o erotismo banal na
mídia?/Será que há algum mal?Será que há algum mal?/Será que há algum mal em lutar
por um mundo onde caibam vários mundos?

Feminilidade - Cosmogonia

Somos mulheres não apenas corpos/Temos cérebro, não apenas seios/Somos mulheres
não utensílios/Fazemos cultura, não apenas filhos/Enquanto umas se vendem por

pouco/Outras só pensam no seu corpo/Outras se preocupam com a beleza/ E se acham esculturas da natureza/Não se esqueça que existe gente/Mulher que é inteligente/Pois sabe do seu potencial/Por isso que é especial/Somos mulheres não bonecas infláveis/Temos ideias não somos manipuláveis/Somos mulheres não vagabundas/Temos talento, não apenas bunda/Enquanto umas se jogam fora/sendo usadas e se achando da hora/Pensando que são as maiores/E sendo às vezes galinha demais/Outras se preocupam com a inteligência/E lutam firmes pela consciência/Dessa nação machista e alienada/Que acha que cultura é mulher pelada/Somos mulheres não somos trouxas/Temos informações, não apenas coxas/Somos mulheres não diversão/Temos capacidade não apenas sedução

ANEXO C

Liar – Bikini Kill

Betty's got the back/ of her dress all ripped out/ Mama's got her face/ muffled twist and shout/ You're a liar/ Liar, liar, you/ got your pants on fire/ You profit from the lie/ You prophet from the lie/ You profit from the rape/ Lie baby/ Eat meat, hate blacks, beat your fuckin wife/ It's all connected/ Deny, you live your life in denial/ Stand my whole life on trial baby/ Deny, deny, deny, deny

Mentirosa – Bikini Kill (Traduzido por Flávia Lucchesi)

Betty teve às costas/ de seu vestido toda rasgada/ Mamãe teve sua face/ torcida e gritou/ Você é uma mentirosa/ Mentirosa, mentirosa, você/ Tem suas calças incendiadas/ Você lucra com mentira/ Você profetisa mentira/ Você lucra com estupro/ Minta, querido/ Coma carne, odeie pretos, bata na sua esposa maldita/ Está tudo conectado/ Negue, você vive sua vida em negação/ Espero minha vida toda em julgamento, querido/ Negue, negue, negue

My Secret – Heavens to Betsy

My secret is coming out/ And each word, I live it out/ What you did caused me some pain/ And I won't go through this again/ I am to the end/It happened to my best friend/ I'll tell again and again/What you did to us when we were only ten/ My secret is really true/This song, these words are a threat to you/ A knife in you I'd stick it in/ Listen, listen I'm about revenge/ I am getting through this/ I am living through this/ I'll tell again and again/ I'll tell again and again/ My secret is coming out/ And each word, I live it out/ The truth, the truth will get you in the end/ And my secret is that I want you dead

Meu segredo – Heavens to Betsy (Traduzido por Flávia Lucchesi)

Meu segredo está se abrindo/ E a cada palavra eu sobrevivo/ O que você fez me causou dor/ E eu não irei passar por isso novamente/ Estou farta/ Isso aconteceu com a minha melhor amiga/ Eu te direi de novo e de novo/ O que você faz com a gente quando nós tínhamos apenas 10 anos/ Meu segredo é uma verdade/ Essa música, essas palavras são uma ameaça a você/ Uma faca que eu enfio em você/ Ouça, ouça/ Estou me vingando/ Eu estou passando por isso/ Eu estou vivendo através disso/ Eu te direi de novo e de novo/ Eu te direi de novo e de novo/ Meu segredo está se abrindo/ E cada palavra eu sobrevivo / A verdade, a verdade irá pegar você no final/ E meu segredo é que eu quero você morto

Love thing - Bratmobile

“Admit it- innocent little girls/turn you on don't they?/You like to make them cry/You like to tell them why/You like to grow them up/Swallow hard and throw them up/I would die to hate you/See my heart in my hand/Do you really understand/Get my heart

of yer hand/Get yer hand of my heart/I would die to hate you/but its a love thing/You say you got this love thing/You think its just a love thing/Fuck yer fuckin love thing/by the way, yer bright eyes are not so encouraging/You want my youth so bad/You love to see me sad/All the sunlight that you say/Can never make it go away/I would die to not care anymore”.

Coisa de amor – Bratmobile (Traduzido por Flávia Lucchesi)

Admita: garotinhas inocente/ te enlouquecem, não é?/ Você gosta de fazê-las chorar/ Você gosta de dizer a elas o porque/ Você gosta de fazê-las crescer/ Engoli-las e cuspi-las/ Eu morreria por odiar você/ Veja meu coração em minha mão/ Você realmente entende/ Tire o meu coração da sua mão/ Tire sua mão do meu coração/ Eu morreria por odiar você/ mas é uma coisa de amor/ Você diz que você tem essa coisa de amor/ Você pensa que é apenas uma coisa de amor/ Foda-se essa sua coisa de amor/ Alias, seus olhos não estão encorajando/ Você quer tanto a minha juventude/ Você ama me ver triste/ Toda a luz do sol de que você fala/ Nunca poderá fazer isso passar/ Eu morreria para não me importar mais

ANEXO D

Go home – Joan Jett e Kathleen Hana

Walking on the streets tonight/ I am so aware of you/ Give me a reason to fight/When there's nowhere to run to/ Go home/ Wake up, wake up, wake up right now/There's no one to protect you/Hide myself behind my words/Hide myself inside a' my clothes/Hide myself inside my mind/Go home/Go home/Now take that voice outside a' my head/I hear that voice inside a' my head/Get that voice outta my head/I hear that voice inside a' my head/I will choke it dead, dead/I will stab it dead, dead/I will *Kill* it dead, dead/Go

home/Go home

Vá para casa – Joan Jett e Kathleen Hanna (Traduzido por Flávia Lucchesi)

Andando pelas ruas essa noite/ Estou tão atenta em você/ Me dê uma razão para lutar/
Quando não há lugar para onde correr/ *Vá para casa/ Acorde, acorde, acorde agora/ Não*
há ninguém para te proteger/ Me escondo atrás das minhas palavras/ Me escondo dentro
das minhas roupas/ Me escondo dentro da minha mente/ *Vá para casa/ Vá para casa/*
Agora tire essa voz fora da minha cabeça/ Eu a ouço na minha cabeça/ Tire aquela voz
para fora da minha cabeça/ Eu ouço aquela voz dentro da minha cabeça/ Eu irei sufocá-
la até a morte, morte/ Eu irei esfaqueá-la morta, morta/ Eu irei matá-la morta, morta/ Vá
para casa/ Vá para casa

ANEXO E

My new gun - Dominatrix

Why are you girl sittin' there so angry?/Some stupid boy called me a fuckin' fascist/
He's just a middle class jerk/ Are they so good to give us a fuckin' note?/ Some of you
boys say such stupid things/ You should learn how to hide your fears/ You come to the
show just to swear us/ Can't you see that your money comes to me?/ Take part in this
riot only for girls/ I never thought the girls would be so united/ Take part in this riot
only for girls/ I never thought the girls would be so strong/ I never saw such a fancy girl
like you/ Why don't you realize you need your own opinion?/You hang out with these
boys they alienate you/ Now you just learn to be a stupid geek/ Some of you boys say
such stupid things/ You should learn how to hide your fears/ You come to the show just
to swear us/ Can't you see that your money comes to me?/ These fuckin' boys say that
we are fascists/ Because they never saw the power of girl unity/ They don't have better
things to do/ If we didn't exist who would be their underdog?

Minha nova arma – Dominatrix (Traduzido por Flávia Lucchesi)

Porque você está sentada aí tão brava?/ Um menino idiota me chamou de fascista/ Ele é apenas um imbecil classe média/ Eles são tão bons assim para ficar nos dando nota?/ Alguns de vocês meninos dizem coisas tão estúpidas/ Vocês devem aprender a esconder seus medos/ Vocês vêm para o show pra nos xingar/ Você não vê que seu dinheiro vem pra mim?/ Faça parte dessa revolta, só pra meninas/ Nunca pensei que as meninas seriam tão unidas/ Faça parte dessa revolta, só pra meninas/ Nunca pensei que as meninas seriam tão fortes/ Nunca vi uma menina tão metida/ Você não percebe que precisa da sua própria opinião?/ Você anda com esses meninos que te alienam/ E então você aprende a ser uma tola/ Alguns de vocês meninos dizem coisas tão estúpidas/ Vocês devem aprender a esconder seus medos/ Vocês vêm para o show pra nos xingar/ Você não vê que seu dinheiro vem pra mim?/ Esses meninos cretinos dizem que somos fascistas/ Porque eles nunca viram o poder da união das meninas/ Eles não tem nada pra fazer/ Se não existíssemos, quem seria seu saco de pancadas?

Patriarchal laws - Dominatrix

They thought me "to be a woman is no more than bein' a wife"/I see no more chains on my legs and my arms no more/ They thought me "to be free is to take a walk with your man"/ But I thought myself that I'm free/ I'm powerful/ I can think and I choose/ Three things you should learn:/riot grrrl will never die/ every girl is a riot grrrl/ stop boys violence/ I just wanna fight against all white straight boys/ I'll squeeze every drop of my blood to the revolution/ Justify rape is to *Kill* a girl twice/ Patriarchal laws there's no freedom it's just a sick world.

Leis patriarcais - Dominatrix (Traduzido por Flávia Lucchesi)

Eles me ensinaram que "ser uma mulher não é mais do que ser uma esposa"/ Não vejo

mais correntes em meus pulsos e em minhas pernas, nunca mais/ Eles me ensinaram que "ser livre é dar uma volta com seu homem"/ Mas eu me ensinei que sou livre/ Sou poderosa/ Posso pensar e escolher/ Três coisas que você deve aprender:/riot grrrl will never die/ Toda menina é riot grrrl/ Acabe com a violência masculina/ Eu quero combater todos os meninos brancos heterossexuais/ Espremerei cada gota de meu sangue para a revolução/ Justificar o estupro é assassinar uma mulher duas vezes/ Leis patriarcais, não há liberdade, é um mundo doente.

ANEXO F – FOTOGRAFIAS

1- Banda Bikini Kill



Fonte: <http://maximumrocknroll.com>

2- Kathleen Hanna



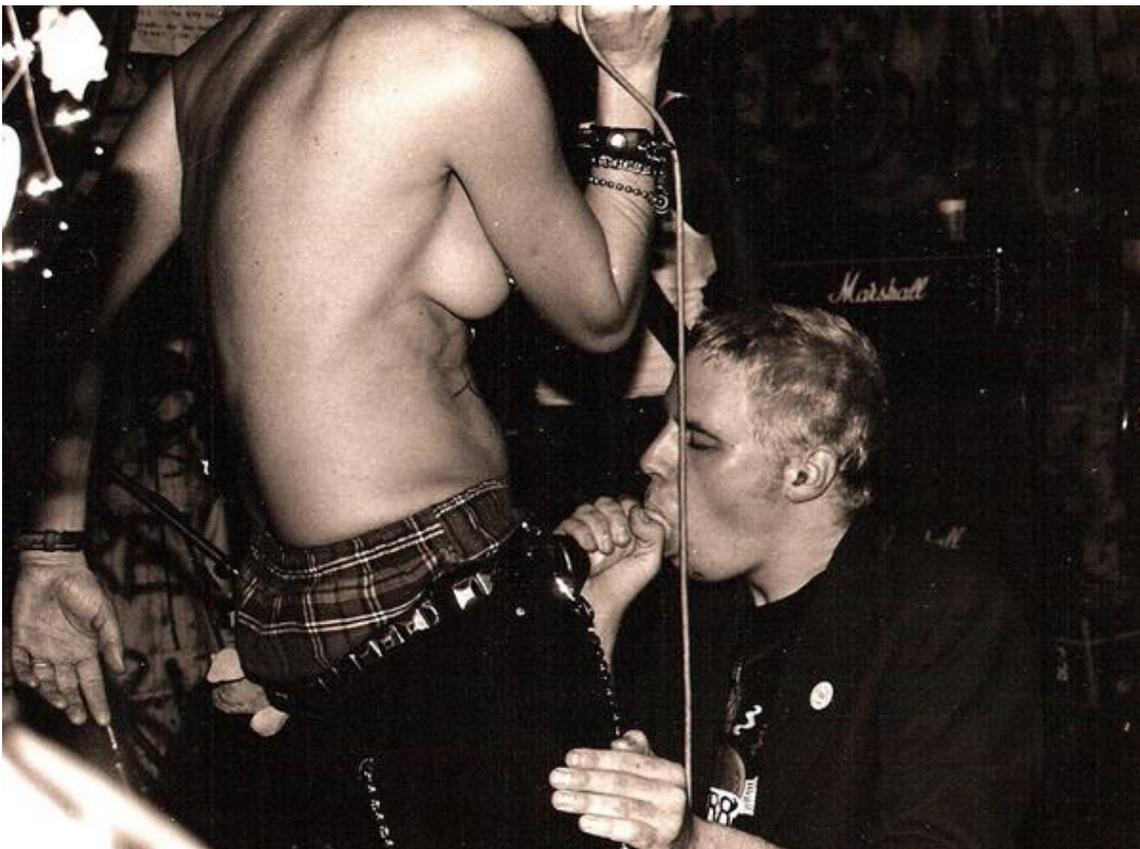
Fonte: Perfil da banda Bikini Kill no site Lastfm.

3- Kathleen Hanna e Joan Jett



Fonte: <http://bikinikillarchive.files.wordpress.com>.

4- Performance de Lynn Breedlove da banda Tribe 8



Fonte: Perfil da banda Tribe 8 no site MySpace.

5- Lynn Breedlove



Fonte: <http://10thingszine.blogspot.com.br>.

6- Banda Dominatrix (formação recente)



Fonte: http://banda_dominatrix.zip.net/.

7- Banda Dominatrix no LadyFest 2004



Fonte: http://banda_dominatrix.zip.net/.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W. *Cenas juvenis*. São Paulo: Scritta, 1994.

BIVAR, Antonio. *O que é punk*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CAMARGO, Michele. “Lugares e pessoas: uma etnologia do feminismo presente no estilo das minas do *rock* em São Paulo”. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011/212.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles e Guatarri, Felix. *Tratado de Nomadologia: a máquina de guerra*. Tradução de Janice Caiafa e Peter Pál Pelbart. In: *Mil Platôs*. Vol. 5. São Paulo: Editora

34, 2008.

ESSINGER, Silvio. *Punk:anarquia planetária e a cena brasileira*. São Paulo: Editora 34, 1999.

FACCHINI, Regina. “Não faz mal pensar que não se está só’: estilo, produção cultural e feminismo entre *as minas do rock* em São Paulo”. In: *Cadernos Pagu*. Campinas: Unicamp, 2011.

FOUCAULT, Michel. “Soberania e disciplina”. In: *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*. Tradução de Andrea Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. “O que são as luzes?”. In: *Ditos e Escritos II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Org. Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2000.

_____. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Editora Loyola, 1996.

_____. “O anti-édipo: uma introdução à vida não-fascista”. In: *Cadernos de Subjetividade*. Tradução de Fernando José Fagundes Ribeiro. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduandos em Psicologia Clínica da PUC-SP, v.1, n.1; 1993.

GALLO, Ivone Cecília D’Ávila. “*Punk: cultura e arte*”. In: *Varia História*. Vol.24. Nº40. Belo Horizonte: 2008.

JUNO, Andrea. *Angry Women*. San Francisco: Re/Search Publications, 1991.

_____. *Angry Women in Rock*. San Francisco: Re/Search Publications, 1996.

LISBOA, Teresa. “O Empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais”. In: *Revista Fazendo Gênero*. Vol.8. Florianópolis: agosto de 2008.

LOURO, Guacira Lopes. “Foucault e os estudos *queer*”. In: *Para uma vida não-fascista*. Org. Margareth Rago; Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MARCUS, Sara. *Girl to the Front: the true history of the Riot Grrrl Revolution*. New York: Harper Perennial, 2010.

MELO, Érica Isabel. *Cultura juvenil feminista Riot Grrrl em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Campinas: I-FCH, 2008.

NARDELLI, Rachel. *Discurso do Estado na construção da identidade gay*. Trabalho de Iniciação Científica. São Paulo: PUC, 2010.

O’HARA, Craig. *A filosofia do punk: mais do que barulho*. Tradução de Paulo Gonçalves. São Paulo: Radical Livros, 2005.

PASSETTI, Edson. “Foucault-antifascista, São Francisco de Sales-Guia e atitudes de *parresiasta*”. In: *Para uma vida não-fascista*. Org. Margareth Rago; Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

RAGO, Margareth; VEIGA_NETO, Alfredo. “Para uma vida não-fascista”. In: *Para uma vida não-fascista*. Org. Margareth Rago; Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

RODRIGUES, Fernanda. *O grito das garotas*. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 2006.

SMITH, Patti. *Só Garotos*. Tradução de Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TEIXEIRA, Aldemir. *O movimento punk no ABC paulista - anjos: uma vertente radical*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2007.

Vídeos

Bella Donnas – Meninas da Cena Punk. Anelise Paiva Csapo. Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso. PUC-SP. São Paulo, 2004.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=75J4Uvs1GI0> (Parte I)

<http://www.youtube.com/watch?v=S5KHqpIBkaM> (Parte II)

Botinada! – A Origem do Punk no Brasil. Direção de Gastão Moreira. Brasil, 2006.

Don't need you – The Herstory of Riot Grrrl. Direção de Kerri Koch. Estados Unidos, 2005.

Punk de São Paulo em 1983. Direção de Francisco Cezar Filho e Legis Scrinicartsburd. Brasil, 1983.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=TWxb-xOtWa0> (Parte I)

<http://www.youtube.com/watch?v=jytr8UBmrLE> (Parte II)

<http://www.youtube.com/watch?v=2vMnw2tolhs> (Parte III)

<http://www.youtube.com/watch?v=qB7Vmb3qIlo> (Parte IV)

<http://www.youtube.com/watch?v=jvjOxGqiLU8> (Parte V)

Sites

<http://acervo.folha.com.br/resultados?q=Riot+Grrrl&site=&periodo=acervo&x=0&y=0>

<http://letras.mus.br/>

<http://michaelis.uol.com.br/>

<http://onlineslangdictionary.com/>

http://www.dangerousminds.net/comments/kathleen_hanna_the_riot_grrrl_manifesto

<http://www.nu-sol.org/verbetes/index.php?id=30>

<http://ladyfestbrasil2010.blogspot.com.br/>

<http://www.midiaindependente.org/pt/blue//2005/02/308421.shtml>

<http://xriotpridex.blogspot.com.br/2009/04/mini-ladyfest-2009.html>

<http://skatefemininobrasil.blogspot.com.br/2007/09/lady-fest-2007.html>

<http://freepussyriot.org/content/lyrics-songs-pussy-riot>

<http://marchadasvadiasbr.wordpress.com/mundo/>

<http://www.slutwalktoronto.com/>

<http://www.revistaogrito.com/page/blog/2012/05/23/entrevista-elisa-gargiulo-da-dominatrix/>

<http://blogueirasfeministas.com/>

<http://oxforddictionaries.com/>

Webzines

Ação Antisexista. Disponível em: <http://anarcopunk.org/acaoantisexista>

Colapsozine. Disponível em: <http://colapsozine.blogspot.com>

Destemidxs. Disponível em: <http://destemidxs.blogspot.com>

Na Lâmina da Faca. Disponível em: <http://nalaminadafaca.wordpress.com>

Manifesto rubro – informativo do projeto WenDo-se

Putacore. Disponível em: <http://putacore.zine.vilabol.uol.com.br>

Ventre Livre. Disponível em:

<http://vozantifascista.blogspot.com/search/label/Ventre%20Livre>

Fanzines

Diverso Zine # 1

Um Outro Olhar – Garotas Pensantes # 1